



Lu  
Melise Bistori  
Del Grillo

Mandi ed.

## ADELAIDE RISTORI

Grande ousadia levantar voz perante Ristori, ainda que em effigie. Maior atrevimento sair das turbas para levar corôa a quem tantas tem aos pés quem a não vê senão pelos ouvidos, quem do seu merecimento só presenciou metade, a outra metade teve de a adivinhar, ou pelo vaticinio poetico, ou pelos calculos das correlações e das harmonias; sim; por um fragmento de leão se recompõe um leão; pelo vestibulo de um templo em ruinas se inteira o sanctuario, com suas festas e ceremonias, esplendores e fragancias.

Leitores da *Revista Contemporanea*, que applaudís Ristori todas as noites, mais vezes e melhor com o silencio, com o terror, e com as lagrimas, do que não com as palmas, com os gritos, e com as chuvas de flores, socegae; eu não venho interprete vosso; venho interprete de mim mesmo; tão pouco aspiro ao impossivel de accrescentar a gloria d'ella; procuro só que no porvir se não ignore que, tendo-nos encontrado no mesmo ponto do tempo e do espaço ella e eu, o poeta e a poesia, a poesia não passou para proseguir no seu giro luminoso, sem que o poeta a saudasse.

Esta, que tendes a ventura de estar contemplando, é para vós Adelaide Ristori; para mim Ristori unicamente. A vossa falta-lhe ainda um laurel; a minha tem já um resplendor.

Na vossa ouve-se um nome de mulher, que a aparenta com o commum da humanidade, com a terra, com a morte, com o esquecimento; a minha poderia chamar-se Melpomene; viva destructa a immortalidade das filhas da memoria; a Grecia, que deu a Sapho o titulo de musa decima, proclamaria a estas com as honras de primeira.

¿ Que me importa a historia d'essa vossa Adelaide? ¿ a obscuridade do seu berço, que ella transformou em throno? ¿ que desde que principiou a articular até aos doze annos revelasse já nos theatros em papeis infantís a energia do seu futuro talento, como na lua, que desponta duvidosa por entre as mattas de um monte apartado se adivinha o astro, que dentro em pouco elevado ao zenith tem de senhorear inacessivel, pleno, e sympathico todo o hemisferio? Eu não pergunto ao fructo opímo pela flôr de que brotou; nem á Amazona que triumphou, pelos brinquedos já fortes da sua infancia. Ristori não teve, não poudo ter infancia; essa menina que chamais Adelaide, morreu, e não era ella.

¿ Que me fallais de haver tido por mestra a afamada Carlota Marchioni, e ouvido de sua bocca a desinvejosa prophecia: *Serás rainha da scena?* Ristori é sim a rainha da scena, mas a sua arte ninguem lh'a ensinou, porque ninguem a tinha: inventou-a ella, se já a não trazia germinalmente no seu composto.

Incareceis que aos dezassete annos já occupava a melhor metade do carro triumphal de Amalia Bettini; ¿ quem pensa hoje em Amalia Bettini? que aos dezoito annos eclipsava Antonia Roberti, a tragica de Parma; que dos dezanove aos vinte tres remoçava, ou antes fazia ouvir pela primeira vez as obras primas do velho Goldini: *Gli innamorati* — *Zelinda e Lindoro* — e la *Locandiera*; que foi creadora com Fortis, Nota, Giacometti, Marengo, e Gherardi del Testa, de *Le cuore ed arte* — da *Lusinghiera* — da *Fera* — da *Elisabetta regina d'Inghilterra* — da *Piccarda Donati* — e de *Il regno d'Adelaide*, ¿ Que significa tudo isso ao pé das nossas impressões de hontem e de hoje?

Tirae-me diante sobre tudo essa historia dos seus amores e consorcio com o marquez Capranica del Grillo; romance formoso, historia formosa, mas capitulos intruzos na existencia de quem é mais que uma simples mulher.

Passo é esse da sua biografia, que faz estremecer ao verdadeiro devoto da arte. A Vestal das Musas deixa apagar na ara a chamma estrondosa e esplendida que dia e noite alimentava com perfumes; coroadada de rosas troca o templo em que a sua voz devia resoar como um hymno perpetuo, pelos mirtaes voluptuosos; as adorações universaes, pelos deleites concentrados e obscuros com

um só ente da sua escolha. Desce do theatro, da região encantada dos deuses, dos heroes, dos sonhos, e da poesia, para a vulgaridade das aristocracias 'num palacio.

A Europa e o mundo estiveram ahi a pique de perdela para sempre.

Bem haja a piedade do seu coração! Jaz, esmagado de dividas, perdido, sem refugio, sem esperanza, um antigo amigo: Pisanti, Pisanti o empresario. A que o amor rebaixára de actriz a Marquiza de Marquiza resurge actriz pela caridade.

Com aquelle gesto, com aquelle tom irresistivel que lhe conheceis, intima silencio aos preconceitos, ás murmurações talvez; reascende á scena; crescera ainda na solidão; a ternura feliz e a consciencia ufana, lhe redobraram forças; estes ares, mais seus que os dos salões de arrazes e doirados, a estão refflorindo; representa; arrebatada; assombra. Em tres noites de triumpho a mendiga sublime fundiu com o oiro publico a chave que abre ao ancião preso por crime de indigente as portas surdas do seu carcere.

A Adelaide egoista, innamorada, mulher, resigne-se emfim, Deus louvado, a desaparecer absorvida e olvidada no vulto fatal e solemne da Ristori.

A Italia sua mãe e mãe das artes, encantada lhe supplica em nome d'ellas a não defraude por mais tempo dos floridos loiros que a Providencia lhe deu a cultivar; d'estes loiros pacificos e abençoados, com que a antiga rainha do mundo se distrae, se se não consola dos que outr'ora lhe cingia o deus da guerra seu avó. Á voz de tal mãe não ha resistir; não ha falsear um horoscopo tão evidentemente escripto nos céos. Ristori regressa ao templo em que abrira os olhos para nunca mais o desamparar; reanima com centuplicada viveza o fogo santo, que, ausente ella, esmorecera, e entre os seus esplendores fica avultando, como que já involta n'uma aureola sobre-humana.

Ainda um eclipse; mas passageiro e que será o ultimo: Ristori está em Roma. Roma geme cercada e combatida pelos descendentes dos Gallos, d'esses Gallos, que ha dois mil duzentos e trinta e oito annos a afrontavam tambem, capitaneados por Brenno. O céu de Roma é fumo e relampagos; os cantares festivos immudeceram sob os trovões dos obuzes; as granadas e bombas chovem e estoiram sobre os edificios e as ruinas, por entre os collossos e os monumentos; o terror abraçou a liberdade.

¿ Que fará Ristori n'estes momentos de suprema angustia? O grande drama dos destinos da patria apagou as tragedias fabulosas; *sunt lacrimae rerum*; ¿ que fará?

Já lá vão os dias em que o esforço de uma Clelia podia tentar alguma coisa a prol da terra commum, e os dias mais antigos de Judith, d'essa Judith cuja alma passou inteira para a sua (o verdadeiro genio e a heroicidade mutuamente se assimilam). Esses dias de hombridade feminil já lá vão. A Pallas adorada outr'ora n'este solo caiu ha muito do pedestal.

¿ Que fará pois com que prove o seu amor de italiana ao seu paiz attribulado?

Veste o habito das irmãs da caridade. A mão que nos fará estremecer brandindo alternadamente a espada de Gedeão, de Holofernes, e de Henrique VIII, vae curar compassiva e melindrosa os feridos dos hospitaes, de todas as casas da cidade as mais povoadas agora depois dos templos.

Ristori é religiosa; profundamente religiosa; religiosa na crença e nos costumes; não podia deixar de o ser com a alma tão aberta de todas as partes á inspiração. Prodigalisa aos enfermos balsamos, consolos, vigílias; aos indigentes esmolos; aos altares lagrimas e supplicas pela patria; ao seu grande coração forças e esperanças; ás suas romanas exemplo; e admiração a todos.

Mas a guerra passou, e com ella o seu nobre papel na tragedia real. O theatro reivendica e reassume a sua preza e a sua soberana; a sua sacerdotisa e a sua deusa.

D'ahi ávante correm-lhe ininterruptos os triumphos. A maior parte da Europa a admira.

Apostola da arte, abrazada da lingua de fogo que vem do alto, falla um idioma, e todos os povos a comprehendem.

Falta-lhe a ultima sagração; Pariz a pontifice do gosto, lh'a confere; confere-lh'a pelos bravos tempestuosos de toda a sua população, pela voz dos seus primeiros escriptores e poetas, pelos pregões infinitos da sua imprensa; confirma-lh'a com a presença e com a fuga da divina Rachel, que só assim perderia o seu titulo de incomparavel. A França militar venceu, pouco ha, a Roma; agora é a Italia artistica a vencer Paris, com enthusiasmo da propria vencida.

Que assombroso concurso de elementos e circumstancias não era necessario para se constituir, para se consumir esta potencia tão real, que ainda não encontrou um só rebelde? Tudo lhe depararam a ponto, e prodigas, a natureza, a fortuna, a Providencia.

Filha de artistas, abriu os olhos na terra das artes; lá 'nessa Italia que educa para o bello pela vista, pelo ouvido, por cada passo 'num solo composto de cinzas de heroes e de cidades; lá onde as almas tem relações occultas com os volcões, e sentem

ainda, com os murmurinhos do mar por entre os fremitos dos pomares floridos em banho de luar de prata, cantar sereias invisíveis.

Imbalaram-na ao som da poesia e da musica.

Coube-lhe a mais harmoniosa de todas as linguas, na qual se espelha de longe o antigo grego, de perto o antigo romano, e que, mais romana que nenhuma outra, domina ainda pela sua suavidade temperada de energia. Alladas chamou Homero ás palavras; ás palavras italianas chamaria alladas e cantoras como as andorinhas.

Balbuçou e brincou já entre artistas, aprendendo a compor-se desde os primeiros annos perante o espelho do tremendo publico.

As que a podiam detestar como futura vencedora, amaram-na, e serviram-na, applaudem-na e amam-na.

O seu corpo saiu moldado pelo das estatuas divinas.

.... *Veteres heroidas equas*

lhe teria dito o seu conterraneo auctor da *Arte de amar* e dos *Amores*.

*Et vera incessu patuit dea...*

acrescentaria Virgilio.

Ao escultural das fórmulas accresceu-lhe a prompta, a extrema a omnimoda impressionabilidade do aspecto; esses cambiantes exteriores da alma, que vós todos encareceis como espectáculo nunca visto, e que eu vejo, eu tambem, no meu espirito; isso que é para a linguagem o que a linguagem é para o pensamento.

Depois, ou antes, ou a par, a sensibilidade do coração semeado e florido de todos os affectos; o relance de aguia no perceber; o instincto de observação; a necessidade da perfeição no minimo como no maximo; essa especie de sibiritismo das indoles extremadas, que, se na cama de rosas se lhe dobrou uma folha, já perde o socego; o instantaneo e tenaz da memoria; a voz, sem deixar de ser feminina, forte e magestosa como a estatura, variavel em infinita escala, como os gestos, desde o grito agudo do alvoroço, no amor feliz, até ao estertor gelado e cavernoso.

Depois o cultivo pratico, e em todos os sentidos, e até involuntario, d'estas preciosas faculdades, pela estatuaria e pela pintura, que representam a natureza de eleição, a reflectem para o espectador, e como quer que seja o conformam á sua imagem.

Depois, a abundancia de modelos vivos em todas as classes; porque desde a obscuridade em que desabrochou, até ao esplendor maximo das côrtes onde subiu, não houve gráo, em que o destino, como um pedagogo já benigno, já severo, a não levasse

para experimentar e aprender o mundo em todas as suas condições, a existencia em todas as suas phases. Não houve prazer nem dôr, desanimação nem enthusiasmo, que lhe não desse a provar: foi humilde; foi pobre; foi opulenta; calumniada; cingida de loiros; amante contrariada; amante saudosa; amante vencedora; amante afortunada; esposa; mãe; mãe de quatro filhos: dois para o céo, dois para si, todos para a inspirarem: aquelles, se tivesse de representar Niobe; estes, Andromaca; uns e outros, Medéa.

Depois, as viagens com todas as suas commoções; no mar as tempestades; na terra os salteadores, nas capitaes as ovações; a vida nómada e prestigiosa dos Arions e Orpheus derramando delicias, colhendo dos loireiros fructos de oiro, e observando, como os Ulisses e os Anacharsis, a physionomia e o character particular de cada povo; cada povo é o commentario vivo da sua historia; elle só o que explica a sua tragedia, o seu drama, a sua comedia.

¿É tudo? infinito parece já, mas não é ainda tudo.

Cada um d'estes componentes da perfeição de Ristori da sua biografia se colhe, ou se alcança pelo bom discurso; mas quem poderia, senão ella (e nem talvez ella propria) dar conta fiel dos dias, das noites, dos annos, da vida de trabalhos, que mysteriosa e a sós apprehendeu e consumou sobre si mesma; ella o barro, ella o Prometheu, e ella o fogo!

Quando bem se pensa em que Demosthenes levou annos a domar as rebeldias da palavra, para um dia vir a domar com ella as assembléas tumultuarias de Athenas; quando vemos Virgilio, depois de ter aperfeiçoado por tantos annos um poema expirar desesperado da perfeição; quando ouvimos a Appelles: *Pinto pouco e de vagar porque pinto para a eternidade*; e agora contemplamos tantos modelos perfeitissimos (que já orçam por setenta!), tão diversos, tão complicados, tão difficeis, fundidos todos e acabados por uma só mão, que immenso estudo não suppremos andar ahi, casado com a organização mais estupenda!

Esta mulher fez indispensavelmente muito mais que estudar a historia, a philosophia, a poesia; que observar a vida patente á superficie da humanidade. Fez mais que interrogar de perto no fundo das suas respectivas jaulas a insania e a furia dos alienados, a languidez dos enfermos, as angustias dos agonisantes, os remorsos e as raivas dos presos, a consternação dos asylados, as angustias dos indigentes, as penas mal disfarçadas dos anjos caídos no opprobrio, e o horror do patibulo; tudo obras vivas de impreterivel ensinamento para a sua arte.

No silencio da noite, e em quanto as outras ou dormem ou velam, umas para o jogo, outras para a dança, outras para a conversação, outras para o amor, outras para os filhos, outras para a tarefa que as alimenta e as intretém; quantas vezes não andaré esta em espirito, ingolfando-se, por fatal necessidade do seu ser e da sua sorte, nos abysmos d'onde os Shakespeares e os Hugos vão arrancar monstros e perolas, e reascendem á luz pallidos e sobre-humanos, moribundos e divinos!

Afortunado o que não acredita n'estas noites de febre, de delirio, de prophecia, de creação e destruição; noites como as das feiticeiras, que ao lume azul de uma mão de finado fazem surdir thesoiros; noites em que, sob uma apparente immobilidade, o espirito se revolve no corpo, como o alchimista no seu laboratorio, a pedir a toda a natureza o segredo do metal rei, e o do elixir de longa vida. Tres vezes feliz o que ri d'estes martyres da arte!

Quando ella assim estuda (porque jurarei que ella estuda assim); quando indoidece diante de um espelho, actriz e platéa para si mesma; quando escuta as suas palavras, e as contrapeza, oiro e fio, a periodo e periodo, e a syllaba e syllaba, com o affecto da sua heroina, com o affecto que tem dentro; que objecto para estudo de actores, de oradores, de pintores, de estatuarios, e de poetas principalmente, não seria esse seu estudo! Mas esse é o livro dos sete sellos do genio; a Sibilla que o escreve queima-o antes de morrer. Estes fructos da sciencia colhe-os por entre espinhos e para si quem póde; mas não os dá, não os póde dar, não lh'os saberiam receber nem talvez a outrem se lograram. O talento produz para todos, mas sabe só para si; avaro do seu segredo, prodigo de tudo mais. Dá a lembrar a arvore alterosa, metade a verdejar, a florir, a fructear, a espargir sombras, delictes, musicas; mas a outra metade, de que tudo isso se cria, mergulhada, esquecida, calcada sob a terra, a agenciar, ao perto, ao longe, pelo tenebroso, pelo duro, pelo frio, os fluidos invisiveis de que se alimenta a robustez d'aquelle tronco, a pompa d'aquelles ramos, a alegria d'aquellas flores, a suavidade d'aquelles fructos, o encantamento harmonico d'aquelle todo.

¿Sabemos nós ao applaudirmos esta Ristori, que de vezes não estaremos festejando tormentos que ella curtiu bem reaes para nos incantar?

A gloria compra-se e custa caro. Por baixo do manto de purpura está muitas vezes o flagellado; mais de uma corôa de loiro tem encoberto frontes que as lides primeiro incaneceram, depois devastaram até das cãs. Dae a esmola da compaixão aos gloriosos.



Aqui tendes, se me não engano, o raro complexo de felicidades, e amarguras, de graças originaes, e de virtudes adquiridas, sem o qual este fenomeno chamado Ristori se não explicaria: fenomeno sim, e não mulher; tanto assim, que o sentimento que ella inspira não é nos homens o amor, nem nas mulheres o ciu-me ou a inveja; é em todos uma especie de adoração.

Aqui tendes porque ella percorre os Estados da Europa, e percorrerá os de todo o mundo, como rainha que visita as suas provincias; porque a musica se não atreve a intrometter-se, nem momentaneamente, nas solemnidades dos seus sacrificios theatraes; porque as cidades a esperam com alvoroço, e a ficam recordando vangloriosas.

Ahi tendes porque os poetas se inspiram d'ella, para ella compõem, e a ella dedicam os seus poemas; porque a imprensa lhe tece um hymno perene e universal, e a critica, essa escrava insultadora de todos os triumphos ainda não achou que lhe reprehender, senão a excessiva perfeição, a verdade absoluta na expressão dos horrores e terrores naturaes,

Ahi tendes porque a mocidade estudiosa das cidades por onde atravessa lhe dá serenatas, e as companhias theatraes corôas.

Aqui tendes porque os reis até as rainhas a convidam, a hospedam a regalam, lhe escrevem, lhe apertam a mão, e se ella lhes pede a salvação de um condemnado, o algoz atonito sente escapar-lhes da mão a sua victima.

¿Que mais realisaria a lyra fabulosa dos antigos tempos?!

O que somos obrigados a acreditar de Ristori porque o presenciámos, e de que os nossos netos sorrirão por ventura, revela-nos em parte o sentido de alguns mythos.

¿Querereis, vindoiros, vós outros a quem inuíamos o seu retrato, querereis conhecer a força, a magia, d'este genio? Ristori ressuscitou a tragedia, ou antes Ristori foi o Pigmalião d'esta poesia estatua, que ficará de pé no meio d'esta litteratura, tão diversa em tudo, emquanto subsistir a fada que a evocou.

A tragedia e Ristori morreram no mesmo dia.

17 de Novembro de 1859.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

(Continuação)

Tinha cursado os estudos menores, terminando-os pela philosophia, estudada sob o magisterio do padre Fr. José d'Almeida Drake, no convento de Jesus, da ordem terceira da penitencia, seminario de tantos varões illustres em letras e piedade. Havia demonstrado aos mais incredulos que podia arcar ainda com maiores e mais difficeis locubrações.

Era nos principios d'este seculo ainda rara a instrucção das linguas vivas e havia-se quasi como uma prenda de summo apreço o conhecimento do francez. A nossa republica das letras desde-nhava ainda quasi por barbaras as linguas neo-latinas, e os mais doutos eram não poucas vezes totalmente ignorantes das modernas litteraturas. Era então suspeita a França, a sua linguagem e os seus escriptos, que se affiguravam aos ordeiros d'aquelle tempo os fachos perfidos, que com a apparencia de allumiarem, iam antes incendiando a velha Europa. Saber francez era um principio de suspeição para o santo officio e para a policia, e habilitação essencial para jacobino, segundo os preconceitos d'aquella época. Era licito odiar os tyrannos em latim, expulsal-os de Roma com as imprecações de Tito Livio, amar a liberdade com a terminação inoffensiva das escólas, e declinar sonoramente a palavra povo na innocente agitação dos nominativos. Era permittido deplorar a decadencia da republica, e marcar na face os despotas com o

ferro quente das nervosas objurgações de Cornelio Tacito, mas era um perigo saudar em francez a magestade da razão, e os familiares do santo officio, e os esbirros da intendencia registavam no livro negro os assiduos leitores de Voltaire e de Rousseau.

Por fortuna trouxera a revolução a Portugal alguns emigrados francezes, que fugiam então ás aguias, ou aos açores de Napoleão; uns d'elles legionarios fugitivos da desbaratada democracia, exules outros por não haverem renegado a realza de São Luiz. A casa de Castilho viera parar um d'estes emigrados, não sei a qual dos bandos vencidos pertencia. Era M. Barnois. Ali o agasalharam como o sabe fazer, melhor do que ninguem a estrangeiros desvalidos, a portugueza hospitalidade, sempre aberta ao infortunio, e tantas vezes calumniada e ferida em troca de cordeal sinceridade. Com M. Barnois aprendeu Castilho a lingua franceza, e das conversações domesticas nasceu a facilidade e gosto parisiense, com que falla este idioma. Era por aquelles tempos a casa paterna uma pequenina, mas instructiva academia. Era um pae sabedor e erudito, e muitos filhos, todos elles de engenho já cultivado em tenros annos. Á mesa se discretava e discutia, e cada reunião familiar e intima era um colloquio litterario, em que aproveitava o entendimento e se estreitavam pela communhão das letras os laços do sangue e da affeição. Ardia então a Europa nas guerras memoraveis do imperio, e Bonaparte, que é para nós um heroe e um dogma, era n'aquelles tempos um homem e uma questão. Vivia-se junto d'elle e os heroes, vistos face a face, á semilhança das pyramides do Egypto, aterravam não admiram. Era para vêr como o honrado cathedratico da faculdade de medicina, reunia os filhos em redor de si, como se presidira a um congresso europeu. Vinha a *Gazetta de Lisboa*, satisfação quasi exclusiva da ardente curiosidade nacional. Commentavam-se as novas, figuravam-se as marchas, consultavam-se os mappas, rectificava-se a geographia, invadiam-se os territorios, defendiam-se os estados, inquiria-se a historia das nações. Dispunha o grave professor uma semilhança de concursos, em que havia premios para os vencedores, animando pela emulação o gosto litterario e o desejo do saber nos juvenis herdeiros do seu nome.

Por este tempo travou Castilho relações com um distincto erudito portuguez, Antonio Ribeiro dos Santos, bibliothecario mór e academico, homem de boas letras, de que deixou memoria honrada em vastas obras de erudição, e em poemas de maior arteficio e esmero que de originalidade e melodia. Era um velho de tracto sincero e facil, que se aprazia de honrar e acolher os engenhos nascentes e esperançosos. Typo quasi perdido d'estes lit-

teratos graves e sisudos, que buscavam no estado ecclesiastico a abastada commodidade de uma vida regrada e exemplar para poderem soltos de cuidados vagar á leitura e á meditação e hospedarem bisarramente as suas musas favoritas. Morava na rua do Sacramento á Lapa ; eleito com descripção o sitio pelo socego e amenidade. Tinha a casa um jardim, que realçava a commoda tranquillidade d'aquelle erimiterio litterario. No meio do horto erguia-se em pavilhão a livraria, opulenta de selectas edições. Presidindo áquelle congresso mudo de venerandos escriptores, erguia-se um Apollo de marmore, emblema do gosto classico, familiar ao ancião. Ali entrára Castilho a visital-o, e a ouvir oraculos seus como se fóra elle o grão-sacerdote do Deus auricrinito. Ali conversava a lyra já cansada com o pelectro juvenil. Ali recitava Castilho as suas composições, e ouvia as criticas benevolas do velho e os conselhos da experienciã e da rasão. Nas notas da *Primavera* deixou Castilho memorada esta sua proveitosa intimidade com Antonio Ribeiro dos Santos.

Com outro não menos erudito academico entrou Castilho por aquelles tempos em agradavel frequencia. Era Fr. Joaquim de Santa Clara, arcebispo de Evora, que então residia no convento da Estrellinha, da sua ordem benedictina. E pelo apreço que então merecia a homens, já proceres nas letras do seu tempo, se póde ajuizar quanto promettia o engenho do poeta, ao qual velhos eruditos, constituidos em altas dignidades sociaes e litterarias, consentiam que na sua presença vestisse antes de tempo a toga viril.

Depois de lárge enfermidade, que a depozera do governo do reino, veiu a fallecer em 1816, a rainha D. Maria 1. Afinaram os vates as suas lyras para prantear a morte da soberana. Quiz tambem Castilho ser das justas e saiu com o seu *Epicedio*, primeiro poema seu, que viu a luz. Era ainda frouxa revelação de originalidade, mas era já documento irrefragavel de estro feliz e de valente metrificação. Andava então revolta a republica litteraria em Portugal, aonde aporfiavam alguns mais arrogantes e temerarios por levantar-se com a dictadura e senhorio. Um sobrelevava aos demais em jactancia e ambição. Era o padre José Agostinho de Macedo. Safam a disputar-lhe o passo alguns émulos insoffridos e implacaveis, sobresaindo entre elles Pato Moniz, o sarcastico e mordecissimo escriptor da *Agostinheida*. José Agostinho cerrava de perto com a phalange embravecida dos seus aristarchos e detractores. Tinha para as oppugnar e se defender estabelecida uma folha semanal, que intitulava o *Espectador português*. Esta era a tranqueira, com que se acobertava para disparar os

seus dardos invenenados contra os seus inexoraveis perseguidores. Pato Moniz era a victima obrigada de todos os numeros do semanario. Havia sempre em cada um d'elles um artigo, onde os epigrammas e as insolencias da mais cruel personalidade deixavam em carne viva a reputação litteraria do desgraçado antagonista. Serviam-lhe de fecho constante os dois infelicissimos versos, de burlesca recordação, que Pato Moniz inserira n'uma ode sua ás victorias do exercito anglo-luso :

São provas do que digo  
Rolliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo

O miserrimo auctor teve o infortunio de fazer uma boa acção em versos, que pouco se erguiam acima de ruins. Compoz um epicedio á morte da rainha. Aqui foi para José Agostinho o soltar do açoite para flagellar sem piedade o seu obstinado contendor. Para humilhar Pato Moniz, lançava-lhe feiamente em rosto que uma creança, como era Castilho, lhe viesse dar no mesmo assumpto lições de poesia a elle, que era velho e experimentado no officio, mas incorrigivel nos seus erros e desprimores. O elogio em José Agostinho era moeda rara. Quando o concedia, contrariava a sua vocação e cedia vencido diante da verdade ou do engenho incontestavel. Imagine-se o effeito de um elogio d'estes n'uma creança-auctor. O algoz das reputações assignando diploma de immortalidade! O Atila dos poetas, o que não perdoára a Camões, conferindo o direito de cidade a um cantor, que apenas se revelava! Castilho foi agradecer o louvor. Foi agradavel a recepção, com que o acolheu o feroz dictador do Forno do Tijollo. Multiplicaram-se as visitas e estreitou-se em pouco o commercio litterario. Era José Agostinho, apesar de todos os seus defeitos, um vasto repositorio de erudição. Prosador negligente, plebeo, e desalinhado e frequentes vezes escurril, mais insolentado que epigrammatico, e antes chocarreiro do que faceto, era comtudo mais castiço e comedido nos seus poemas. Havia alguns annos que vertéra a *Thebaida* de Stacio em portuguez e dera o poema a Bocage para que lh'o hovesse de corrigir. Teve-o Bocage em seu poder por algum tempo. Um dia José Agostinho mandou uma preta, que o servia, pelo manuscripto a casa de Bocage, encomendando-lhe que á volta passasse pelo alfayate, em busca de uns calções, que lhe dera a fazer, ou — mais provavel ainda — a remendar. Foi-se a preta ao desempenho da sua missão poetica e vestiaria. Conchegou os rollos de papel no avental, accommodou junto do Stacio os calções do padre, e d'esta confraternidade for-

çada entre uns calções e um poema, resultou perder no caminho os seis primeiros livros da *Thebaida*, que vinham n'um folheto separado. Eloquente de improperios e bordada de biliosas imprecações deveu ser a allocução dirigida á preta sexagenaria pelo auctor do *Oriente*; mas a perda ficou irreparavel. José Agostinho desmaiou diante da empresa de completar a truncada trasladadação. A proposito em Castilho lhe deparava o destino um latinista já profundo e um poeta já quasi laureado, para lhe resarcir, fazendo a nova traducção, o damno da serva perdularia. Instou-o com sinceros encarecimentos do quanto era asado para a tarefa. Não acceitou Castilho a proposição; mas já não era pequeno testemunho do seu merito o pretender quem se julgava principe das letras, e pelo menos era tyranno de sua republica, investir no officio do seu tenente o mancebo, que apenas provára as armas n'um recontro.

Dos modestos *geraes* da rua da Rosa voemos com o poeta até os geraes magnificos de Coimbra. E quando digo *voemos*, fique entendendo o leitor que é apenas o vôo da narrativa, porque a viagem verdadeira e historica foi, n'aquelles tempos, quasi heroicos e mythologicos para o transporte, a proverbial e lenta peregrinação dos estudantes no classico luar. Deixamos de referir aqui as honras antecipadas, com que o poeta, apenas entrado na adolescencia, foi saudado emphaticamente pelo hyperbolico arriero, e por elle condecorado, segundo a praxe do tempo, com o — para caloiro, — bem soante appellido de doutor, sem previo juramento nem propina. Que era n'aquelles tempos o grau academico o só tratamento, em que a urbanidade dos almocreves infringia a pragmatica real, depois tão barbaramente democratisada, quando as circulares eleitoraes juntaram a *senhoria* ao direito de votar, e as philarmonicas associaram a *excellencia* ao culto cavalheiresco do sexo amavel, sem inquirições nem escrupulos de genealogia.

Estamos na ponte da velha Coimbra. Temos á direita a cou-raça de Lisboa. Á esquerda a calçada com os seus especieiros e mercadores. A uma parte a sciencia e a abstracção. A outra parte o facto e a mercancia. D'um lado os doutores, os athenienses da cidade, e do outro, segundo a opprobriosa expressão da aristocracia academica, os ilotas e os *futricas*. D'um lado a Minerva, idealista e melancolica. Do outro o Mercurio *reatista* e jovial.

Estamos em 1817 ou 1818. Coimbra estava então no auge do seu indisputado senhorio litterario. Reinava sem rival na educação superior da juventude. Não era então como hoje, em que a revolução dos tempos e das idéas, nos permite a nós, pobres ci-

dadãos, que aprendemos a cartilha entre a arcabuseria das guerras civis, o tomarmos logar, para uns elevado, mediocre para outros, nas letras e na republica sem o chrisma da velha universidade.

Coimbra era a chancellaria do talento. D'ali safam em torrentes caudaes os candidatos a todos os officios rendosos da igreja, e da republica, e ali fam os mimosos do engenho poetico, como ás justas do proprio Apollo, a provar suas armas e galhardia.

A revolução despoetisou as instituições antigas. Feliz e admiravel prosa, que proscreeu com a mesma sem cerimonia a poesia das conclusões magnas e da inquisição de Coimbra, a poesia do cancellario e a da censura prévia, e confundiu no mesmo nivel materialista a poesia milliflua dos oiteiros e a poesia sinistra do algoz. Coimbra hoje é uma blasphemia, um sacrilegio, um crime de lesa magestade em Minerva. É Paris, é Babylo-nia ; é a Roma de Heliogabalo, é a metropole do sensualismo revolucionario, se a comparamos na sua regrada e burgueza simplicidade municipal com a Coimbra academica e monastica dos annos anteriores á revolução de 20.

Coimbra tem hoje eleições, philarmonicas, montepios, jornaes, deputados, mala-posta, estadistas, associações fraternaes, e institutos. A academia é hoje um accidente. Era n'aquelles tempos a propria substancia da cidade. Hoje ha n'ella cidadãos. Então era uma povoação de habitos talaes, um grande convento benedictino, uma congregação de doutos, aonde os claustros eram as praças e as ruas.

Em cima, como um castello-rouqueiro, erguia-se assoberbando a povoação, a torre da universidade. O suserano, o bispo-conde reitor, dominava na cidade, cercado dos seus altos-dignatarios, dos seus maceiros e mestre de ceremonias, dos seus *verdeaes*, lictores do consulado universitario, dos seus juizes conservadores, dos seus meirinhos, dos seus doutores, dos seus famulos, da sua numerosa cleresia. Em redor da universidade as casas das ordens religiosas, e os collegios seculares, circumdavam a *alma Mater*, como uma prole obediente e affectuosa, que se comprazia na veneranda ancianidade da sua commum progenitora. Em volta de todos estes laboratorios espirituaes a cidade burgueza, representando a função humilde de ueharia e de refeitorio para todo este convento colossal. Em cima a aristocracia da sciencia atirando desdenhosamente á plebe os despojos do seu festim. No fim de tudo a inquisição para realçar os toques principaes d'aquelle painel. Ao lado da academia, que é a palestra da rasão, os anto officio, que era o thermometro da fé. Junto da universidade, onde a

sciencia indiscreta toca nos seus vãos com a heresia, a inquisição, que as podia censurar e corrigir. Junto á fabrica de idéas, o sello do santo officio para evitar o contrabando intellectual.

Imaginae o que seria então Coimbra. Ideai-a n'um grande dia de primavera. O Mondego retratando no seu espelho de prata o *Ó da ponte*, e orlando com o verde dos censeizaes as margens sinuosas. A casaria da cidade a trepar pelo declivio, dividida em degraus de amphitheatro. Do massiço das edificações surgem aqui e acolá as torres das egrejas, com as suas cruces florescentes e as suas agulhas de mais arrogante projecção. Pelo rio os barcos á vela a perderem-se na volta dos meandros. Além os campos ridentes do Mondego, estendidos como um tapiz de arvoredos e de searas. Nas ruas os sotanas negras dos clérigos, as capas dos estudantes, a sirguilha das serventes, os habitos variegados dos monges de varias religiões, o retinir dos guizos nos machos de liteira, os chapéos derrubados dos arrieiros, as vestes burguezas dos mestiraes, o trajo dos camponezes, o uniforme extravagante dos archeiros, e no meio de tudo isto sua excellencia reverendissima, o bispo de Coimbra, conde d'Arganil, senhor de Coja, do conselho de el-rei *meu senhor*, reitor reformador da universidade, atravessando gravemente a rua da Sophia para ir a Santa Cruz, no seu coche de estado tirado por quatro turcos.

Agora entornemos por cima d'esta cidade meio-monastica, meio-burgueza a chuva de oiro das tradições guerreiras e poeticas. Façamos voltar nos ares aos sons confusos e perdidos de tantas lyras, dedilhadas á sombra verdejante do Mondego. Figuremo-nos que ainda esvoaça á luz indicisa do crepusculo a tunica resplandecente da amorosa Ignez de Castro. Ponhamos hombro a hombro, mirando-se desdenhosos, os reis e os heroes, que tiveram a Coimbra por theatro das suas façanhas. Façamos desfilar á hora das visões os espiritos saudosos de Attaces, e de Sisnando. Dividamos o campo ás justas sanguinolentas dos almogavares musulmanos e das turmas irresistiveis da cavallaria christã. E ao longe contemplemos a quinta das Lagrimas, poema tacito de amoveis melancolias, e discorramos com o inspirado Comões, com o ameno Bernardim, com o grave Antonio Ferreira, que trasladam o côro das Camenas para as margens do Permesseo portuguez.

Ahi temos a Coimbra d'aquelles tempos, cidade de poesia e de decretaes, de amores puros e phantasticos e de galanteios prosaicos e plebeus, de cultos entusiastas á religião ridente dos augures e de beatas superstições á religião sombria dos inquisidores, cidade ao mesmo tempo austera e jovial, aonde as serven-



tes andam acotovelando as musas, e as musas sorrindo maliciosas ao roçarem com a fimbria transparente na estamalha dos monges e no capello dos doutores; cidade, aonde Justiniano e Hippocrates, Pedro Lombardo e Cavalleiro traçaram choréas caprichosas com Tibullo e Anacreonte; cidade, onde os homens adormecem pastores e arcades, embalados ao som das harpas eolias penduradas nos salgueiros, e accordam prelados e desembargadores, ao temeroso baquear das illusões.

É esta a Coimbra a que somos chegados agora com o nosso poeta Castilho. Levemol-o ao *pateo*, que assim se chamava então em estylo de prosaica familiaridade o proprio alcaçar de Apollo, o collegio, onde se professavam as humanidades e letras amenas. Ali fez o poeta os seus exames preparatorios, e de quem já de Lisboa ía amigo e familiar dos escriptores da velha latinitude, não ha que dizer qual foi o resultado dos exames. Sairam brilhantes e auspiciosos para a carreira litteraria do mancebo.

Que sciencias entraria a cursar na universidade? As sciencias do poeta, se as ali houvera, e se com ellas se podesse bater a moeda prosaica para os usos da vida e se como a banca ou o pretorio do legista, a receita do physico, e o baculo ou a murça do theologo, dessem direito a talhar dourado no festim da humanidade.

Se a providencia lhe não houvera annueado os olhos, seguirá o poeta, — juramol-o quasi — as sciencias naturaes. Enfeitiçara-o a botanica, para o levar comsigo a herborisar pelos campos seus dilectos, e, para lhe ensinar os amores castissimos das pudibundas hervasinhas. Fascinára-o a zoologia para o guiar na região onde esvoaçam as borboletas, e para o deixar errante nas selvas primitivas, onde as aves aos milhares pompéam ao sol dos tropicos o iris da sua plumagem deslumbrante, e celebram as suas innocentes alegrias no concento harmonioso dos seus gorgeios. Tomara-o nas azas a curiosa astronomia para o soltar depois attonito, cortado de admiração e de terror no infinito dos espaços estellares, e para segredar-lhe amiga o hymno magestoso do Creador. Convidára-o a tenebrosa geologia a descer ao seio da serra, a conversar e inquirir os gnomos, a decifrar nas formações do globo as strophes sublimes d'esta ode magnifica de pedra, e colligir nos restos pateontologicos as folhas dispersas da biblia da terra, e a genese mysteriosa da criação animal

J. M. LATINO COELHO.

(Continua).





## O NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

(Continuação)

Tal é o aspecto geral da Europa, tanto dentro dos limites das inspirações litterarias, como das proprias influencias moraes. Portugal como fica apontado, reflecte uma parte d'este aspecto; e são circumstancias exteriores e geraes que teem contribuido de certo para este effeito, porque a onda do industrialismo, que se tem exaggerado com o excesso da civilisação material, em tudo pertende achar uma *commodidade*, um regalo ou um *proveito*; mas, por desgraça, causas, que não vem para aqui inquerir nem tão pouco exprobrar, mas que derivam exclusivamente do nosso triste estado social e politico, concorrem em grande parte, talvez na maxima parte, para a indifferença e esterilidade dos animos, por que as flores da phantasia só desabroxam e viçam n'uma atmosphaera desanuviada de ruins paixões. Infelizmente não succede assim. O ar que respiramos é o ar infeccionado das cubiças torpes dos interesses materiaes. Os verdadeiros poetas da época são os empresarios das vias ferreas; e os temas mais predilectos dos livros e dos dramas de hoje, o cynico inventario das miserias em que vegeta uma sociedade devassa; porque essa sociedade, por um desequilibrio das leis do gosto e das regras da moral, recreia-se, como as cidades corruptas dos tempos biblicos, em contemplar e reproduzir a imagem das proprias depravações.

No seio de um tal ambiente moral não é possivel nem aspi-

rações nobres, nem vãos audaciosos do engenho poetico, nem concepções que resumam e personifiquem a excellencia de um grande pensamento. A imaginação encolhe as azas, e sente que não tem horisontes por onde espairose, nem perspectivas grandiosas que lhe suscitem imagens altivas e imponentes. A vida torna-se machinal; e o homem proclama a omnipotencia do estomago como lei unica para chegar a todas as soluções que concluam pela posse de mais um goso do seu viver de verdadeiro sybarita. Os Sejanos, os Sardanapalos e Verres são os exemplos e as personificações do século, mas personificações e exemplos que a raça d'agora amesquinha, porque nem ainda mesmo n'estas paixões condemnaveis é capaz de assumir as proporções grandiosas, que projectaram tamanha sombra atravez da historia.

Reduzida a estes termos, a existencia perde o seu ideal, e chega ao triste e árido positivismo, em que nem os prazeres mais grosseiros e torpes arrancam o espirito do homem dos abysmos da apathia. É n'estes casos, em que a sociedade se consume ruidada de um desalento interior que nos fecha os olhos para todas as luzes da esperanza divina e humana, é n'estes casos que apparecem os Manfredos e os Faustos, mas Faustos e Manfredos de lastimaveis dimensões. Não ha litteratura, nem ha poesia, porque não ha o accordo da phantasia com o coração, que é a harmonia sublime que fórma o verdadeiro poeta.

É exactamente n'este estado em que nós nos achamos; e consolemo-nos (porque é tambem esta a situação da Europa. Mas triste consolação! Temos companheiros, e muitos, n'esta desventura: porém deixará ella de ser tamanha por ser maior?! Não, de certo. A decadencia das letras é sempre verdadeiro mal, porque é symptoma, e já o effeito, de uma completa decadencia moral. A indifferença, a lethargia profunda e lethal que sepulta os espiritos, é a imagem e a consequencia da corrupção dos costumes. Perdida a pureza d'estes, empallidece o ideal d'aquelles. Sem os energicos impulsos de fogo intimo, porque os apagou a atmospheria de gélo que nos rodeia, nem os fortes incitamentos da sociedade exterior, porque só os accendem os magnificos quadros de progresso real de um paiz que caminha em todas as direcções da ventura publica, que ha a esperar do futuro?

Triste mysterio, que talvez o não seja já para muitos que conhecem a historia, e queiram regular os nossos destinos pelas suas lições!

Mas affastemos esses sinistros vaticinios, e conjuremos o mal, se é possivel. Talvez a quadra, para nós, seja unicamente de so-

pitamente: talvez seja um d'estes periodos de descanso, como já notámos, em que os talentos se appropriam novas riquezas de producção, para depois as ostentarem, e inaugurem uma época de florescencia. E n'este caso, o incentivo é o exemplo, a diffusão das luzes, o bom e acertado methodo na sua propaganda, e sobretudo a escolha dos apóstolos e evangelistas, póde só conseguir os resultados desejaveis. É por estas razões que festejamos com alvoroço a creação n'esta conjunctura, de um instituto de letras, cujo plano vasto abrange a historia do espirito humano, nos seus capitulos mais distinctos da critica, da philologia, dos acontecimentos universaes das nações, e dos quadros da nossa existencia nacional. O *Curso superior de letras*, instituido pelo Sr. D. Pedro V, póde ser um acontecimento que influa directamente para accordar do lethargo as imaginações, e apontar-lhes diversos caminhos de honroso certame e triumpho intellectual.

Mas é necessario fallar claro. A tarefa do *Curso superior* é ardua. As circumstancias peculiares da actualidade, conforme as indicamos com verdade, tornam a sua missão um apostolado, em que os novos apóstolos não devem só colligir as suas forças e saber, senão as da propria consciencia. Não deverá ser unicamente uma propaganda, mas uma exhortação. insistente, convicta, systematica, fervorosa; e amena principalmente pela regularidade dos methodos e encantos da palavra, disfarçando-se n'essa amenidade, com os attractivos que levam a escondidos thesouros, a força irresistivel que vá pouco a pouco attrahindo os espiritos, mais ou menos dispostos aos pontos escabrosos da cabal e verdadeira sciencia litteraria.

Este curso foi dividido em tres cadeiras: a cadeira de litteratura antiga, dada ao sr. Vial; a cadeira de litteratura patria e moderna em geral, provida no sr. Castilho; e a cadeira de historia nacional, adjudicada ao sr. Rebello da Silva. Este concurso de intelligencias tão benemeritas das nossas letras basta para nos assegurar de que a missão, por mais ampla que a deliniem as exigencias da quadra que atravessamos, será comprehendida, e todas as suas difficuldades combatidas com empenho e illustração.

Permitta-se-nos, porém, algumas ponderações ácerca do systema que deverá seguir-se no desenvolvimento do programma dos differentes estudos. Não aventamos estas ponderações como preceitos, mas como alvitres, que, quando mesmo se intenda não deverem ser adoptados, nunca os poderão julgar inopportunos. Seja a cadeira do sr. Vial, a da litteratura antiga, a primeira que chame os nossos reparos.

Esta cadeira deve inevitavelmente abranger um vasto quadro litterario. O systema de lycêo, isto é a analyse exclusivamente technica, é impossivel que seja a adoptada pelo illustre professor na série das diversas licções, salvo quando um maior desenvolvimento philologico careça da exposição d'estes exemplos elementares, como de pontos de partida para chegar aos grandes resultados da critica. Com a *Odyssea* e a *Eneida* na mão já se não satisfazem hoje as exigencias de um curso de litteratura antiga. São esses os limites do mero ensino escolar que, n'uma cadeira, como na do sr. Vial, devem de ser ampliados, abrangendo a larga esphera das influencias litterarias de uma época, dentro da qual se apresentam, como exemplos de aperfeiçoamento de um ramo litterario, como symptomas da marcha da illustração, ou como a personificação mais caracteristica e universal do genio litterario de um povo, as obras que consubstanciam os periodos mais brilhantes das letras. Este genero de critica, como diz Nisard, é uma nova fórma da historia, debaixo do seu aspecto litterario. As revoluções do espirito, as alternativas do gosto, e os livros mais celebres são os acontecimentos, e os escriptores os heroes. Mostra-se n'este complexo a influencia das sociedades sobre os escriptores, e dos escriptores sobre as sociedades. Esta critica esboça, ou antes pinta a grandes traços, do que analysa e individua. As circumstancias peculiares não figuram senão pela luz que derramam sobre os acontecimentos geraes. Os homens são indicados n'este conjuncto pelas suas feições notaveis. A admiração não encontra de certo n'este quadro as bellezas especiaes da historia, mas encontra a historia das grandes transformações do espirito humano, traduzidas em fórmas poeticas e litterarias. A honra da criação d'esta escóla pertence a Villemain. Foi elle que soube alliar a critica á historia e á philosophia. As suas licções, que hoje são livros de todos lidos e louvados, depois de haverem sido admiraveis improvisações, provaram, que o talento de pintar, de expôr, de extrahir um ensino proficuo e esclarecido do passado, pertence tanto ao philosopho e ao moralista, como ao critico, porque o critico póde e deve ser tudo isto; e que o exame dos diversos genios da antiguidade não deve ter uma applicação reservada á psychologia.

É d'este estudo que tem nascido de certo gosto acrisolado das verdadeiras apreciações litterarias, e a sensibilidade viva e facil, despertada em nós pelas obras de incontestavel engenho poetico. E a razão é porque, por este systema, a superioridade e illustração de um critico tornam um livro o objecto de um exame, a que se associa o retrato de um escriptor e a pintura do secu-

lo, de que o homem apreciado fôra a alma, a luz ou a personificação. Luthero, Descartes, e Voltaire offerecem o exemplo.

É este o methodo adoptado até hoje na Allemanha, em França, na Belgica e Inglaterra, em todos os cursos philosophicos e litterarios, por Herder, Michelet, Ampère, Fauriel, Jouffroy, Cousin, Niebuhr, Walkemaer e outros professores distinctissimos cujo exemplo o sr. Vial não deixará de seguir.

Os quadros restrictos da litteratura grega e latina não podem ser unicamente o assumpto abrangido n'este curso. No espaço que naturalmente abrangem estes quadros, extremam-se tres periodos distinctos da litteratura: comprehendem os dois primeiros os tempos florescentes da civilisação grega, desde Solon até os Ptolomeus, e á época brilhante e verdadeiramente classica dos romanos desde Cicero até Trajano. O terceiro periodo é encetado por Adriano e fecha-o Justiniano.

Mas outras influencias e outras origens litterarias vem agrupar-se, nos seus resultados, ao genio litterario e poetico d'estes dois grandes povos, e seria impossivel deixar de apontar e seguir a sua apparição e desenvolvimento, quando queiram apresentar-se nas suas relações philologicas e philosophicas, os accidentes e progressos da illustração. A grande lucta da antiguidade com o christianismo, despontando nas catacumbas e glorificada no throno dos Cezares; a influencia exercida pela religião que refulge da Asia e se communica á Europa, e a effervescencia dos impulsos de entusiasmo ao ouvir as lendas orientaes que penetraram simultaneamente na Grecia e em Roma, todo este grandioso complexo de inspirações que foram depois a fonte de varias litteraturas, convém que seja exposto e analysado de um modo claro e vivo. Esta tarefa é difficil, ninguem o ignora, porque para desenhar esta lucta dos oppostos systemas philosophicos do Oriente, e desdobrar aos olhos do auditorio o quadro das tradições asiaticas, é indispensavel fallar de nações cuja litteratura desapareceu, como a dos egypcios, e de povos cujas producções litterarias remontam aos tempos primitivos, como a dos antigos persas e dos hebreus, cujos livros santos abrangem a sua litteratura e a sua arte poetica. Os mesmos indios, que possuem uma litteratura rica de thesouros de imaginação e sentimento, e que tão desconhecida é de nós ou se a conhecemos é de fontes impuras e incertas, não podem da mesma sorte deixar de figurar n'um vasto plano em que hajam de se investigar e seguir, na sua acção influenciadora, as origens que lhe imprimiram character.

Mas estes trabalhos estão na maxima parte feitos; e se são novos para os individuos que apenas exploram os dominios da erudi-



ção, não o são de certo para o sr. Vial. A obra de Herder das relações da poesia allemã com a poesia dos povos orientaes; os trabalhos de Fauriel sobre os cantos populares da Grecia; o livro de Lowth *De sacra poesi hebræorum prælectiones*; e a *Historia da litteratura antiga* de Schlegel, abrangem todas estas questões.

Alguns traços sobre a eloquencia christã não nos parece um trabalho alheio a este curso, e o serviço feito ao pulpito e ao clero seria grande: Villemain, no seu magnifico *Curso de litteratura*, apresenta este quadro, que tão assombrosas proporções toma no quarto seculo, a grande época da egreja primitiva e a idade de oiro na litteratura christã. A viva linguagem dos oradores do christianismo, as suas controversias e enthusiasmo, resumem em si de uma maneira indirecta, os ultimos tempos da civilisação grega e do poder romano, épocas que é impossivel deixar de esboçar com o vigor da lucta travada entre o polytheismo e a lei nova, sem alludir aos padres da egreja, que, por um milagre da fé que os allumiava, florescem exactamente quando a decadencia dos costumes, e com ella, a decadencia litteraria se torna um acontecimento universal. Este periodo fórma um dos mais caracteristicos capitulos da historia das letras latinas.

A cadeira do sr. Vial julgamol-a talvez a de maior responsabilidade, porque resume mais serios empenhos. Os chamados estudos classicos é evidente que teem sido descuidados entre nós; as proprias tendencias da educação moderna, naturalmente polytechnicas, não parecem abraçal-os com a confiança e enthusiasmo que tanto exaltaram o espirito de outros tempos. É por isto que o sr. Vial tem de se occorrer a todos os attractivos de uma exposição amena e illustrativa, exposição em que a parte didactica do seu curso se insinue pelo influxo das largas idéas da critica que sabe casar a analyse dos grandes livros com os principios do gosto, não esquecendo de buscar as relações philosophicas que fazem apparecer os genios consagrados, como Homero, Virgilio ou Ovidio, não como meros auctores dos *Fastos*, da *Eneida* e da *Iliada*, mas como vultos grandiosos que resumem uma idade florescente, uma feição distincta da historia do espirito humano, ou um aspecto notavel de que a investigação erudita póde e deve occupar-se.

A cadeira da litteratura moderna não a concebemos em proporções mais acanhadas: fazel-o seria menospresar o engenho eminente a que foi confiada, o qual só nos deve admiração e estima.

O ensino da litteratura moderna, diz-se o fim d'esta cadeira, e com especialidade o da litteratura patria. Mas que é a littera-

tura moderna? Entender-se-ha por litteratura moderna as obras publicadas de agora? o periodo chamado romantico que abre com a revolução liberal de ha trinta annos? ou tudo que decorre do seculo dezaseis para cá, magnifico movimento de actividade intellectual que, inaugurado com os impulsos da renascença, produziu o grande seculo litterario dos Medices para a Italia; á Hespanha o seculo de Lopo de Veiga, Calderon e Cervantes; á França os dois reinados de Francisco I e Luiz XVI; á Inglaterra o seculo de Izabel; e a Portugal o de D. Manuel? Será esta serie de quadras climatericas e florescentes para as letras, o que intitulam litteratura moderna, por opposição ás outras edades litterarias que se lhe antecederam com o nome de idade-media e seculo de Pericles e de Augusto?

No nosso entender este ensino deve resumir um pouco de todas estas origens e de todas estas influencias. A litteratura moderna é inquestionavelmente a renovação romantica, que, estimulada pelos instinctos de nacionalidade opprimida pelas ambições tyrannicas do despótismo militar, e desvirtuada pelo influxo academico das regras classicas, se manifestou por fim em Allemanha com Goethe e Schiller, em França com Lamartine e Victor Hugo, em Italia com Manzoni e Silvio Pelico, em Inglaterra com Walter Scott e Byron, em Hespanha com o duque de Ribas, e em Portugal com o visconde d'Almeida Garrett. É portanto este grande movimento de reacção do genio poetico das nações, que repelle as fórmulas litterarias dos antigos que repugnam á sua indole popular, que importa explicar e expor. Para o conseguir, é indispensavel remontar ás fontes da inspiração moderna. A civilisação grega e romana, o christianismo e os costumes germanicos são as tres origens da sociedade moderna, e as influencias caracteristicas da sua litteratura. São estas pois as fontes de que deve tratar-se. Mas a litteratura da idade-media conserva um character duplo; ha n'ella uma litteratura latina christã, commum a toda a Europa, cujo fim era talvez a conservação e extensão dos conhecimentos recebidos da antiguidade; e uma litteratura poetica, suggerida pela lingua nacional peculiar a cada povo. E é por isto que os esforços dos homens notaveis, que primeiro protegeram o desenvolvimento intellectual da Europa, como Theodorico, rei dos godos, Carlos Magno, e Alfredo o grande de Inglaterra, tiveram por fim dois objectos: conservar intacta e tornar geralmente util a herança de todos os conhecimentos que se possuía na lingua latina; e formar o idioma nacional, e com elle desenvolver o genio nativo de seus povos, conservando, por consequencia, os seus monumentos poeticos.

Este quadro de variadas perspectivas, atravez do qual desabroxa, como flor silvestre, mas de attractivos e agradabilissimos perfumes, a poesia creadora e nacional da idade-media, flor poetica que tem do lyrio a pureza e os arrobamentos de um sentimento mystico, e da saudade as melancholicas imagens das tradições legendarias; este quadro, repetimos, apresenta-se cheio de encantos para nós, homens da Peninsula Iberica, cujo genio de poesia tanto se identifica com todo este sentir idealizado por suaves ficções de amor e mysticismo.

Este sentimento da natureza, particular aos povos do Norte, diz Schlegel, que por um lado subsistiu na antiga tradição e até no proprio christianismo, e que por outro penetrou nas idéas e costumes dos allemães, resume o manancial d'onde brotou a nova torrente de inspirações dos povos occidentaes.

Mas depois com a queda do imperio do Oriente veio a renascença classica. Este grande movimento intellectual, que até certo ponto poderia regular as impressões do genio poetico da idade-media, prestando-lhe toda a cultura da civilização grega e romana, levado á exaggeração, suffocou, pelo contrario, os seus nativos impulsos, inaugurando em Italia, e depois nas demais nações que seguiram este exemplo de perto, a imitação dos monumentos litterarios antigos, como a unica fórmula de produção perfeita e admissivel.

D'esta especie de contagio não permaneceram livres os dois maiores poetas epicos modernos, Camões e Tasso, que se inspirariam n'uma esphera mais illimitada de idéas de liberdade e bellezas poeticas, se o molde virgiliano e as regras aristotelicas da poesia heroica, sempre presentes na memoria dos escriptores do tempo, lhes não houvessem tolhido os vãos.

A falta não era da litteratura antiga, mas do máo uso que fez d'ella desde logo o espirito de seita. Não se limitaram a introduzir de novo a mythologia e a lingua latina, escreve um critico notavel, e a fazer muitas vezes uma applicação inconveniente aos assumptos modernos e christãos; fizeram mais; a muitos escriptores não lhes parecia assás elegante fallar de Deos como de uma só pessoa, e se exprimiam a tal respeito como se fossem os antigos, que diziam: Os deuses. Os usos e costumes sociaes dos antigos, foram da mesma sorte imitados, ou antes macaqueados em Italia com um enthusiasmo insensato. Póde dizer-se que alguns individuos tinham concebido a idéa de introduzir de novo, não só a constituição politica, e o espirito e fórmulas litterarias, senão a propria religião dos antigos.

Esta desnaturação de costumes e leis do pensamento poetico,

e do culto das tradições nacionaes, contra a qual sempre protestaram de um modo indirecto a Hespanha e a Inglaterra, ostentando o seu genio nacional em Lopo da Veiga e Shakespeare, em Calderon e Milton, foi que preparou a reacção romantica, que em Allemanha se manifestou mais absolutamente nos fins do seculo XVIII, e logo depois em França e no resto da Europa. É de então que data esse protesto solemne, inflammado por diversas manifestações de fogo poetico, mas unanimes no pensamento unico de revindicação nacional. A musa melancholica da poesia peninsular e o nome tutelar das puras tradições patrioticas, deram as mãos n'este raiar esplendido de uma nova época litteraria para os povos do Occidente, e do Meio-dia da Europa; e viram-se surgir do seio d'estes clarões, a par do *Don Carlos* e dos *Salteadores* de Schiller, as *Harmonias* de Lamartine e as *Orientaes* de Victor Hugo; e não muito depois dos dramas de Manzoni, *Adelchi* e *Carmagnola*, a *Dona Branca* e o *Moro Esposito*; assim como n'outra esphera de inspirações mais serenas haviam já apparecido a *Messiada* e o *Genio do Christianismo*.

Eis o grande quadro, quadro de incrível esplendor intellectual, em que duas escólas poeticas pleiteiam os seus foros, preeminencias e sympathias, o qual o benemerito professor da cadeira da litteratura moderna não deixará de desdobrar ante os olhos do seu auditorio com a habilidade que todos lhe reconhecem.

No tocante á litteratura patria, os serviços que o sr. Castilho nos pôde fazer a todos nós, são incalculaveis. Quem melhor do que elle conhece seus thesouros, e lhe sabe aquilatar o valor e encarecer a valia?! E comtudo, nós não temos nada d'isto ordenado debaixo de um pensamento critico e synthetico. A historia da litteratura portugueza está por fazer. Nunca a verdadeira philologia, nem a alta critica, apoiando-se nos trabalhos d'aquella, volveu para ahi as suas vistas, afim de formar um d'esses vastos atheneos, como os possuem os allemães, os francezes e os inglezes, onde os amantes das boas letras contemplam e estudam os seus escriptores mais eminentes, e conhecem ao mesmo tempo, por assim dizer, a sua geanologia e phisionomia litterarias. Temos o *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes* de José Maria da Costa e Silva, mas esse trabalho, pouco seguro nas averiguações biographicas, e cujas apreciações nem sempre foram o resultado de uma fina e desassomburada analyse, apenas lança os alicerces para tão vasta fabrica, como é uma historia litteraria. O *Parnazo Luzitano*, repositório de excerptos dos nossos escriptores, e ainda assim es-

casso e deficiente, não póde nutrir de certo a presumpção de ser senão aquillo que é: um ramilhete dos primores da poesia portugueza. É por isto que, n'este ponto tudo esperamos do sr. Castilho, porque tudo póde e deve fazer-nos.

Falta-nos ainda fallar da cadeira da historia patria e universal, que completa o curso creado por el-rei. Esta cadeira, que denominam assim, custa-nos a separal-a da outra, que o governo entendeu dever aggregar ás tres instituidas, e a que pôz o nome de cadeira de *historia universal philosophica*. Ora na historia universal philosophica, ou não philosophica, não póde deixar de apparecer, com profunda averiguação e desenvolvimento, a historia patria, assim como as prelecções na cadeira de historia patria e universal, não se reduzirão de certo a uma narrativa singela dos reinados dos nossos reis. D'isto segue-se, que ambas as cadeiras hão de ser de historia patria e universal, e ao mesmo tempo de apreciação philosophica, o que importa dizer que uma e outra são quasi a mesma coisa.

Não nos parece isto acertado. A cadeira creada por el-rei, para se affastar da outra de historia geral, e constituir um ensino distincto, definido e independente, releva que se circumscreva á nossa historia unicamente. E quando dizemos circumscreva deve inferir-se que fallamos do pensamento inicial; por que sabido é que a maneira de tratar hoje a historia que, n'este caso, não póde ser senão o methodo synchronostico, leva inevitavelmente a parallellos e apreciações de acontecimentos geraes, onde o fio da investigação vae buscar ou firmar a origem de factos e instituições que só depois de assim inquiridos podem ser caracterisados nos seus effectos. Mas esta maneira de avaliar a historia fica á liberdade do professor, que bastará dizer que é o sr. Rebello da Silva, para assegurar que o systema adoptado ha de ser o mais competente.

As duas outras cadeiras com que o governo julgou dever completar o Curso superior de letras, são a cadeira de historia universal philosophica, a que já nos referimos, e a cadeira de philosophia. Guardaremos para um artigo especial o que temos a dizer sobre esta ultima.

Em resumo, o Curso superior de letras é um pensamento fecundo; e não é por sair da esphera elevada d'onde safu que o elogiamos, mas porque, seja qualquer que fôr o estado das nossas tendencias litterarias, a sua realisação, estudando-se attentamente o espirito da época e adaptando-lhe com zélo, tino e criterio os methodos de ensino proprio, deve ser de proficuo alcance para o incremento do gosto das letras e

apuro das faculdades criticas, pelo que respeita á historia e á philosophia.

Mas para que este Curso se torne um facto util, e os seus effeitos se diffundam, é indispensavel que façam d'elle uma habilitação superior. Não deve ser dos bancos do Curso superior que saiam os alumnos para os outros institutos de instrucção; deve ser, pelo contrario, das escolas superiores e das universidades que venham sentar-se os discipulos nos bancos do Curso superior de letras. Esta é que é a sua natureza. O seu complexo de estudos é uma superfetação de conhecimentos, que não são indispensaveis ao medico, ao legista, ao economista, ou polytechnico; mas são estudos que, juntos a estes ramos especiaes, engrandecem muito a sua esphera propria, e chamam os individuos que os cultivem ao centrô commum das sciencias moraes e das profundas noções criticas, o que torna o homem apto para todas as questões racionaes e philologicas, depurando-lhe as fontes da imaginação e do estylo.

Esta é a natureza do Curso superior de letras.

ANDRADE FERREIRA.

## PALESTRAS SCIENTIFICAS

### III

É actualmente, e será por longo tempo, segredo imprescrutavel o processo seguido pela natureza na condensação da materia cosmica ou primitiva, que deu origem á formação dos corpos elementares, com que foi constituido o edificio do mundo nas primeiras épocas da creação.

Nem mesmo podemos dizer se esse primeiro trabalho da constituição elementar continua ainda por esses interminaveis espaços do Universo.

Ninguem nos póde asseverar que a materia immensamente tenue da cauda dos cometas se encontra já no mesmo estado de condensação, que constitue os corpos elementares do nosso systema planetario.

Para resolver uma similhante questão, é impossivel a experiencia, e a observação é impotente.

Mas supposta já a existencia d'esses elementos, em frente uns dos outros, n'esse combate organisador, a que se deu o nome de cahos, o oxigenio, tão abundante, tão energico, tão apto para se unir aos outros elementos, devia exercer superior influencia na formação dos materiaes com que se constituiu o mundo actual.

A parte sólida do nosso globo, até onde nos é permitido observar-a é principalmente constituida por combinações do oxigenio com os outros elementos.

A cal, a silica, a alumina, a magnesia, o oxido de ferro, o acido

sulfurico, o acido carbonico e outros muitos corpos são as combinações do oxigenio que formam a maxima parte das rochas e das terras que constituem a parte solida do globo. A parte liquida, a agua, que occupa os tres quartos da superficie do nosso planeta, é ainda um oxido; é a combinação do oxigenio com o hydrogenio.

Além de todo esse oxigenio, preso nas multiplicadas combinações a que nos referimos, ficou livre uma grande quantidade para ultteriores acções, formando para assim dizer uma poderosa reserva no ar atmospherico, á custa da qual se mantém a vida dos seres organizados.

Este ar atmospherico, em que nós vivemos, é talvez o resto da nebulosa, em cujo centro a terra se formou pela fixação successiva dos seus diversos elementos, dos quaes restam apenas, em liberdade, e no estado normalmente gasoso, o oxigenio e o azote, que a constituem em toda a sua extensão, mas que, no decurso dos tempos, virão talvez a fixar-se, extinguindo-se então a vida actual, como em outros astros que já não possuem atmosphaera.

Ninguém poderá affirmar, com profunda convicção, que o estado actual das coisas será permanente, e que, pelo que respeita á economia do globo terrestre, entrámos finalmente em um periodo interminavel de perpetua estabilidade.

Estudando attentamente os phenomenos atmosfericos, investigando todas as relações que nos é possivel descobrir entre os seres organizados e a terra, a agua e o ar, em que elles vivem, não podemos adquirir provas convincentes da permanencia infinita do estado actual de coisas; o que podemos alcançar é uma quasi certeza da larga duração das presentes condições, que asseguram á especie humana a conservação do seu dominio sobre a terra ainda talvez por myriades de seculos. Muito exagerada seria a nossa ambição se nos não contentassemos com tão largo imperio para tão fraca dynastia.

A organização da materia e a vida, este modo de ser, ainda hoje mysterioso para a sciencia, estabeleceu-se na parte extrema do globo, que é banhada pelas aguas e pela atmosphaera e só até onde penetram o ar, a luz e o calôr do sol.

Os seres organizados, em quanto se consideram unieamente debaixo do ponto de vista material, são evidentemente dependencias da atmosphaera da terra. Os elementos que os constituem são quasi exclusivamente os mesmos de que o ar se compõe.

Ainda que a maxima parte da atmosphaera seja constituída pela mistura do azote e do oxigenio, sempre n'ella encontramos, até ás alturas que nos são accessiveis, outros corpos gasosos, cuja importancia é consideravel na economia da natureza, mas que não avultam pela sua quantidade em relação á massa d'aquelles dois elementos.

Estes corpos são a agua, o ammoniaco, e os ocidos carbonico e azo-



tico, cujos elementos são o oxigenio, o hydrogenio, o azote e o carbonio, isto é, os mesmos que constituem a quasi totalidade dos seres organisados, e a que só teremos de accrescentar algumas outras, mas poucas, substancias que a parte sólida do globo lhes fornece. Taes são : a potassa, a sóda, a cal, a silica, o oxido de ferro, o chloro, o enxofre e o phosphoro.

N'uma das suas mais bellas producções scientificas reuniu e condensou o sr. Dumas as doutrinas modernas sobre as relações que ligam os seres organisados á atmosphera em que vivem.

Estas doutrinas são hoje materia corrente, elemental e sabida de todos os que se occupam do estudo das coisas naturaes, e por isso mesmo não vem fóra de proposito o apresental-as n'este logar em quadro muito resumido ; até porque d'ellas pertendo tirar uma consequencia á meu vêr nova, e tendente a corroborar uma hypothese que ha pouco enunciei expressamente de passagem.

Os animaes e os vegetaes acham-se ligados por um mutuo systema de dependencia que não póde quebrar-se sem prejuizo de ambos.

Não é necessario reflectir muito profundamente sobre o modo de existir dos seres organisados para reconhecer a verdade d'esta asserção.

As plantas vivem á custa dos principios contidos no ar atmosphérico, e de outros que tiram do sólo e com os quaes constituem os seus tecidos, os liquidos que os banham e toda a materia que n'elles se contém.

Comparae a arvore frondosa com a semente, que lhe deu origem, e dizei d'onde veio a materia que a constitue? Se a vossa investigação fôr sabiamente dirigida, achareis na atmosphera, que a banha, e no sólo, a que se fixa, todos os elementos que entram na sua composição.

Organizando assim a materia, tirada do ar e do sólo, preparam as plantas o alimento dos animaes herbivoros.

Este alimento serve aos animaes para um duplo fim. Parte d'elle, sendo queimado no apparelho respiratorio, sustenta o calôr de que os animaes carecem para o exercicio das suas funcções, como nas machinas modernas se queima o combustivel, que, pelo intermedio do vapor serve á producção da força e do trabalho. A outra parte é assimilada pelos órgãos do animal, e serve, como material de construcção, para o seu crescimento, incorporando-se successivamente nos seus tecidos.

Esta ultima porção da materia vegetal, convertida pela assimilação em materia animal nos órgãos dos herbivoros, serve a seu turno de alimento aos animaes carnivoros, que tambem queimam parte d'ella no apparelho respiratorio, para produzir calôr, e assimilam a outra parte em quanto crescem.

Da natureza morta, do reino mineral, isto é, do ar e da terra, vieram os elementos que o reino vegetal organison, e que os animaes consumiram, restituindo-os outra vez á atmosphaera e á terra.

Estes elementos são, como já disse, na sua quasi totalidade, o carbonio, o hydrogenio, o azote e o oxigenio. As plantas receberam-os no estado de acido carbonico, de agua, e de ammoniaco; os animaes restituem-no outra vez debaixo da fórma de acido carbonico, de agua e de ammoniaco.

Os outros elementos não atmosphericos, que, durante a sua vida, os vegetaes tiram do solo, para constituir parte dos seus tecidos, para elle voltam depois da morte dos mesmos vegetaes, ou depois que os animaes destruíram, para se alimentarem, as materias organicas em que elles se achavam, expulsando a parte inutil ou já desnecessaria á sua existencia.

Assim do reino animal, considerado no seu todo, se escapa constantemente, pelo facto da destruição das materias que lhe serviram de alimento, o acido carbonico, o vapor da agua, o azote e o ammoniaco.

Por outra parte as plantas, durante a sua vida normal, decompõe o acido carbonico, apoderando-se do carbonio, e libertando o oxigenio: nas mesmas circumstancias decompõe a agua, para se apoderarem do hydrogenio, exhalando o oxigenio, e finalmente se apropriam do azote, já directamente, já no estado de ammoniaco, ou de acido azotico, e assim funcionam no sentido inverso dos animaes.

Os animaes, diz o sr. Dumas, são verdadeiros aparelhos de combustão, e os vegetaes são verdadeiros aparelhos de redução.

Os animaes queimando as materias organicas, que os vegetaes formaram, mandam para a atmosphaera a agua, o acido carbonico, o azote e o ammoniaco.

Os vegetaes apoderam-se d'estes corpos e com elles constituem a materia organica.

O que uns tiram do ar, reslituem-lhe os outros. «Considerando assim as coisas debaixo do ponto de vista mais elevado da physica do globo, podia dizer-se que, pelo que respeita aos seus elementos verdadeiramente organicos, as plantas e os animaes derivam do ar, e não são mais do que o ar condensado; e para fazer-se uma justa idéa da constituição da atmosphaera nas épocas que precederam o apparecimento dos primeiros seres á superficie do globo, seria necessario restituir ao ar, pelo calculo, todo o acido carbonico, agua e azote, de cujos elementos as plantas e os animaes se apropriaram.» Tal é a conclusão do sr. Dumas.

Á vista das doutrinas que acabei de expôr; que tem o assentimento commum, por que são a traducção dos factos observados, é incontestavel que os animaes e os vegetaes teem poderosa influencia na constituição da atmosphaera da terra, e, se admitissimos por um momento

que as acções contrárias, que uns e outros exercem sobre ella, se equilibram, poderíamos então acreditar que as condições actuaes se prolongariam indefinidamente, sem a intervenção de outras causas. Porém o que a historia da terra nos auctorisa a acreditar, é que os vegetaes e animaes, apesar do antagonismo do seu trabalho, fornecem constantemente á massa inerte do globo, ao reino animal e morto, uma porção de materia tirada á circulação atmospherica, e que, accumulando-se continua e fatalmente, ha de acabar por immobilisar os elementos que hoje constituem o ar, e que são os do organismo.

Assim, mais tarde ou mais cedo, a organização e a vida teem de desaparecer da terra, e o globo será então um vasto cemiterio.

Afigura-se-me que os seres organizados e vivos estão incumbidos de terminar a condensação e fixação da materia cosmica e primitiva que começou talvez a agregar-se pelo resfriamento.

A natureza parece que se está servindo dos seres vivos para tornar impossivel a vida actual.

O estudo dos geólogos e paleontologos sobre os restos fosseis do organismo das antigas eras do globo, conduz logicamente a admitir que a constituição da atmospherica, d'esses tempos tão remotos, era bem differente da actual.

Nos immensos depositos do carvão mineral, que hoje alimentam a industria humana, e n'aquelles, talvez ainda muito mais consideraveis, que nós ignoramos ou que se acham cobertos com as aguas dos oceanos, está incontestavelmente solidificada uma boa parte da atmospherica d'essas épocas.

A prodigiosa accumulção d'essa materia azotada, que já os habitantes primitivos do Perú empregavam, antes do descobrimento da America pelos europeus, no adubo das terras, e que nós conhecemos hoje com o nome de guano e do qual se faz um commercio immenso, é tambem um notavel exemplo da fixação da materia pelo trabalho dos seres organizados. O guano é, como já ninguem o ignora, o escremento que as aves aquaticas tem depositado, durante milhares de seculos, sobre os rochedos escavados dos ilhotes do Pacifico e de outros mares, e que se acha consolidado como se fôra uma rocha.

As formações calcareas, que constituem a mais larga porção da crusta do globo, são vastos cemiterios da organização antiga, onde os despojos dos seres, outr'ora organizados, prendem necessariamente parte do ambiente em cujo seio viveram.

Os animaes que morrem, as plantas que deixam de viver, ainda que restituem ao ar a maior parte dos elementos que d'elle receberam para se constituir e alimentar, immobilizam sempre uma outra parte, subtrahindo-a á circulação, e esta immobilisação, crescendo de seculo em seculo, augmentando, ainda que lentamente, a materia fixa, ha de



## FADARIO DOMESTICO E POLITICO

DE

# JOÃO GRAINHA

III

Os acontecimentos politicos de 36, chamaram João Grainha ás fileiras da guarda nacional, e em seguida a todos os conventiculos patrioticos da época. Especie de jacobino em expectativa, tinha a palavra sanguinaria de um magarefe, quando fallava com algum botafogo seu amigo; e a indolencia ascetica do cenobita, se por ventura se via forçado a manifestar o seu voto diante de alguem que elle suppunha de opiniões moderadas. O seu pseudonymo nas chafaricas era Scevola, mas todos o tinham por incapaz de soffrer uma simples arranhadura pela firmeza dos seus principios politicos, quanto mais crer-lhe a patriótica constancia do heroe a quem uzurpára o nome. As suas guinadas oratorias nas choças eram sempre ouvidas entre assovios, apesar do tom plangente das suas homilias, dos esgares estudados da sua physionomia, e de uma voz cavernosa como do antro de salteadores. Os seus associados chamavam-lhe por escarneo o Marat da Mouraria, gracejo que o fazia arrepiar de medo, lembrando-se do tragico fim d'aquelle energumeno, e dos juizos posthumos da historia. Não obstante o interesse de tal modo o aguilhoava, que os mais credulos chegaram por momentos a ter fé nas campanudas diatribes do zote, e nas arrogantes quichotadas da sua requentada eloquencia. Um dia foi bastante para derrocar o castello de cartas que João Grainha levantára

com a paciência astuta da formiga, e a compostura comica de um andador das almas. Divorciado do bulicio das armas por indole, profissão e calculo, quiz o demo que o tambor da guarda nacional tocasse a rebate, exactamente quando o nosso orador acabava uma fogosa arenga, em que incommodára todos os tribunos da antiga Roma, jurando salvar a patria, ou morrer na empreza de a remir do jugo dos devoristas. Apenas porém a patria pareceu lembrar-se do seu prestimo, exigindo-lhe pela voz do tambor civico o cumprimento da sua palavra, João Grainha, timido como uma lebre, fugiu engasgado ainda por uma invocação aos manes dos Graccos, e foi esconder-se na mais segura trapeira que encontrou no caminho, não podendo, dizia o tartufo, ver correr o sangue dos seus concidadãos em proveito de meia duzia de ambiciosos. Este acto, o unico expontaneo em toda a vida do nosso heroe, deu lugar a que um caricaturista zombeteiro d'aquelle tempo o retratasse sentado á lareira, levantando as malhas de umas piugas, enquanto que dois nedios maltezes lhe brincavam aos pés com os novellos, e a lenha estalia e crepitava no fogo. A caricatura tinha por baixo esta divisa: *Metamorphose inesperada de Scevola-Grainha!*

Coberto de ridiculo, o nosso heroe tentou ainda rehabilitar-se fazendo um discurso ouriçado de citações, que podia levar por titulo—a apologia do medo. Mas mau é dizer-se que o cão é damnado: o prestigio do bacharel esvafrase-se como fumo, deixando apenas no animo das pessoas que o conheciam uma d'estas vagas impressões, que se póde traduzir por desprezo, ou quando menos por dó. Os negocios domesticos de João Grainha corriam, quasi pelo mesmo tempo, o peor possivel. A mulher conseguira detestal-o cordealmente, e, em rixas e altercações, passavam aquellas duas boas almas a maior parte do dia. Os ciumes que o bacharel trazia accumulados, destampavam agora, e não sem fundamento, em mutuas e severas recriminações, que D. Maria da Anunciada apimentava com um sorriso sardonico capaz de fazer desesperar um santo. Apesar de se ter mudado tres vezes de casa em menos de um anno, o nosso patriota encontrava sempre um visinho ocioso, ou complacente, que se encarregava de lhe namorar a mulher nas proprias barbas, alardeando da benevola correspondencia que, diziam os peralvilhos, encontravam na cara metade de João Grainha. O ultimo requestador, na época a que nos referimos, era um quebradiço caixeiro de um armazem de modas, um d'estes valdevinos sem eira nem geira, que os paes atiram para o mostrador de uma loja, como um cambista se desfaz por escrupulo de moeda que não tem o peso da lei. O tempo que lhe sobrava de medir bareges, punha-se o nosso Adonis estatelado na porta do armazem, n'este commercio franco de sorrisos e olhares, indicio quasi seguro de prospera navegação pelos mares bonançosos do amor.

Por cumulo de desgraça o serviço da guarda nacional tornava-se de dia para dia mais pesado, obrigando João Grainha a largas e repetidas ausências, que o caixeiro aproveitava ás escancaras, seguro de ter o argos preso no serviço da patria. Um mexeriqueiro officioso, ou talvez algum pretendente infeliz de D. Maria da Annunciada, foi quem ateiou esta vez o incendio na marralheira consciencia do bacharel, pregando-lhe na porta um pasquim, denuncia caustica e desapiedada das suas infelicidades domesticas. João Grainha attribuiu primeiro este aviso a inimidades politicas, mas, procedendo a um minucioso inquérito, em breve alcançou o convencimento de que não eram gratuitas as phrases asperrimas do seu anonymo informador. O dia em que João Grainha obteve esta certeza foi tragico como uma tirada de Corneille, salvo as maneiras burguezas da nova D. Ximena, e o estylo campanudo do seu accusador. A cada baforada da honra do patriota, respondia placidamente D. Maria da Annunciada enumerando os seus haveres, e atirando-lhe á cara com todos os epigrammas que ella tivera a condescendencia de ouvir, já depois de casada, da propria bocca do boticario, a respeito de seu marido.

João Grainha que não ignorava a procedencia dos sarcasmos com que sua mulher o mimoseava, não sabia a quem pedir contas do seu mal, se ao espirituoso manipulador de tisanas, se ao pintalegrete seu actual visinho, origem momentanea da sua comica situação domestica. N'esta alternativa, resolveu-se a deixar ambos em paz, e a extravasar a bilis em pomposas diatribes contra a sua cara metade, que o ouvia com a complacencia descuidada, com que uma creança vê mover-se um titere de feira. João Grainha estava pagando as suas tropelias academicas n'este pleito caseiro, em que D. Maria da Annunciada era testemunha, juiz, e carrasco. Se mestre Nicolau resuscitasse, e visse o seu discipulo assim saccudido pela lingua viperina d'uma mulher, é possivel que se esquecesse da sua natural mansidão para dar ao seu ex-pupillo um conselho á altura da dignidade viril enxovalhada pelos beliscões de D. Maria da Annunciada. Mas mestre Nicolau dormia o seu ultimo somno na valla dos *Prazeres*, e o nosso heroe não era homem para os lances extremos! Depois de madura reflexão calhou João Grainha em invectivar as grandes cidades como focos de desmoralisação, e, escudado d'este logar commum, resolveu-se a partir para a provincia, onde esperava ser rei na terra dos cegos, recomeçando, longe das vistas dos seus correligionarios, novo e mais desassombrado tyrocinio politico.

Amadurecida esta idéa, com a pachorra com que ellas amadurecem nas cabeças-bogalhos, o nosso heroe pretextando uma vistoria ás suas herdades do Alemtejo, annunciou na vespera da partida a sua mulher que já tinha allugado uma liteira (não se esqueça o leitor que n'esse

tempo ainda não era moda fallar nas *commodidades materiaes do paiz*) e que era irrevogavel a sua resolução de abandonar Lisboa. D. Maria da Annunciada mediu-o com o olhar seguro com que o lobo intimidou o cordeiro do apologo, mas, ou curiosidade de mudar de terra, ou desejo de se descartar do caixeiro que punha cartazes das suas boas fortunas, respondeu-lhe seccamente que tanto se lhe dava viver aqui como acolá, e que só sentia vêr-se para sempre ligada ao homem mais marrafão de que ella tinha conhecimento.

João Grainha engoliu a injuria, como quem já estava avesado a ellas regosijando-se interiormente de ter obtido sem mais polemicas o resultado dos seus planos. O bacharel que como todos os parvos, não dava ponto sem nó, fingiu convencer-se que a mulher estava devéras deixado dos namoricos que a traziam de pasto pelas linguas do mundo e, afivelando a mascara de Jorge Dandin, desbastou quanto poudes a natural rudesia para mostrar a D. Maria da Annunciada o quanto era grato ao seu desprendimento das tentações da côrte. Ella, que o conhecia como os seus dedos, acceitou o papel que lhe distribuiam na farça, compoz o rosto como Dalila antes da tosquiadella mestra que pregou em Samsão, e deixou-se ir á tona dos acontecimentos sem confiar no piloto, mas antevendo as futuras prosperidades do marido, prognosticadas por uma mulher de virtude que ella consultára sobre o fadario politico de João Grainha.

O dia da partida chegou finalmente. Uma falua atracada na Ribeira Nova, esperava, como a nau de Alexandre, levar a seu bordo os destinos da patria até Aldéa-Galleja, aonde os desencontrados solevancos da liteira haviam começar a moer os ossos dos dois conjuges, e a inspirar ao futuro deputado as primeiras idéas da viação accelerada. Uma maçã suggeriu a Newton a theoria da gravitação, não é muito que um braço desmanchado pelo balancear d'uma liteira inspirasse ao nosso bacharel a idéa da mala-posta, a da reforma do chorrião, e, a mais luminosa de todas estas, a da abolição radical da caleça. Em quanto pela cabeça do bacharel se cruzavam todos estes planos gigantescos de melhoramentos materiaes, D. Maria da Annunciada chegava a Arroiollos moida como uma saladada, dando ais pungentes a cada cortesia dos machos, e maldizendo a hora em que vira e conhecêra João Grainha. O caixeiro que era uma especie de observatorio de tudo o que se passava em casa do bacharel, deu logo no outro dia de madrugada pela falta dos dois viajantes, e foi sem pasmo que leu nos jornaes o seguinte annuncio; «João Grainha, bacharel formado em direito pela «Universidade de Coimbra, tendo de ausentar-se temporariamente da «capital, offerece o seu pouco prestimo aos amigos que n'ella deixa, «confessando-se eternamente grato ás muitas provas de benevolencia «que recebeu de todas as classes da sociedade.»



Um jornal ordeiro, que tinha a ingenuidade de crer João Grainha um demagogo, escreveu no seu noticiario o seguinte:

QUE VÁ PARA ONDE NÃO FAÇA PERCA

«Sahiu hontem d'esta capital o jacobino João Grainha, dizem-nos «pessoas bem informadas que com a idéa de revolucionar o Alemtejo «em sentido republicano. O terrorista conta com valiosos auxilios pe- «cuniarios de capitalistas d'aqui. Deus salve a nação dos manejos dos «anarchistas!»

Quando este jornal chegou ás mãos de João Grainha estava-lhe o barbeiro da terra deitando duzia e meia de sanguessugas por ordem do medico!

(Continua)

L. A. PALMEIRIM.

## A NAU S. BENTO

1553-54

Quem hoje ler no *Theatro tragico-maritimo* que a nau *S. Bento*, de Sua Alteza, era a maior e melhor que havia na carreira da India, em meiado do seculo xvi, custar-lhe-ha a convencer-se de que esse grande navio do tempo de nossos gloriosos avós não passava de um imperfeito arremêdo de qualquer pequena galeota hollandeza da actualidade. Pois é exacto. Superior, sem duvida, ás barcas portuguezas de *cincoenta toneis*, em que Bartholomeu Dias e Lopo Infante foram passar o Cabo das Tormentas, e ainda ás embarcações de Colombo que descobriram as Antilhas, cujo porte era inferior a *cem toneladas*, a nau *S. Bento* poderia hoje servir de lancha, não dizemos já ao *Leviathan*, mas ao *Himalaya*, ou ainda a outros menos colossacs vapores da Gran-Bretanha ou dos Estados-Unidos.

Não lhe valeu porém a sua fama de então, como agora não valem as proporções gigantescas dos celebrados monstros maritimos, para escapar á furia das ondas, e ainda mais aos traiçoeiros recifes de mal assombrada costa.

Em 1553 foi destinada a nau *S. Bento* para capitania da armada que na monção d'esse anno devia passar á India com tropa e mercadorias, e tomou o seu commando, como capitão-mór da frota, um fidalgo muito estimado na côrte, e diz-se que perito nas coisas de mar, que havia nome Fernão Alvares Cabral, talvez descendente do feliz descobridor do Brasil.

Compunha-se a esquadra de cinco naus, que estavam de verga de alto no Téjo já em fins do mez de fevereiro; porém uma d'ellas, a *S. Antonio*, capitaneada por D. Manoel de Menezes, foi presa das chammas, estando á carga em frente de Belem. As outras quatro saíram a barra em domingo de Ramos, 24 de março do mesmo anno, e sob tão maus auspícios para gente supersticiosa, como era a do mar n'aquelles tempos, foram seguindo juntas a derrota do oriente, até que successivos temporaes as separaram violentamente, seguindo cada uma o seu rumo em busca da salvação.

A diferentes pontos arribaram a *Santa Maria da Barca* que capitaneava Ruy Pereira da Camara, a *Conceição* confiada ao mando de Belchior de Sousa, e a *Santa Maria do Loreto*, commandada por D. Payo de Noronha; só a capitania *S. Bento*, graças á coragem de Fernão Alvares, e á experiencia do seu piloto Diogo Garcia o castelhano, dobrou o cabo da Boa Esperança, mas sendo já tarde para embocar o canal de Moçambique, lançou-se por fóra da ilha de Madagascar, e com inaudito trabalho e constante perigo foi surgir na barra de Goa, depois de muitos mezes de enfadonha viagem.

Entre os passageiros d'esta nau, moços cavalleiros que iam procurar fortuna aos palmares da India, distinguiu o capitão um mancebo de vinte e oito annos de idade, já privado do olho direito nas guerras de Africa, que andava sempre entregue a profunda melancholia, e com apparencias de uma honesta pobreza; movido de sympathia pelo obscuro soldado, offereceu-se o bondoso Fernão Alvares a reparar com elle o seu não mui avultado peculio, para que podesse voltar ao reino na mesma nau, fruindo os consideraveis ganhos de uma cargação de pimenta comprada em Cochim, e escapando d'est'arte ás intrigas da India que não poupavam dissabores a todo o character nobre.

As lagrimas correram pelas faces do joven guerreiro encontrando em um estranho o protector que debalde procurára entre os conhecidos e os que se diziam amigos seus, porém recusou a offerta, sem ativez, antes com mostras de sincera gratidão, e accrescentou:

«Ao sair do Téjo, e lançando pela ultima vez o olhar sobre a terra em que nasci, exclamei como Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!*... Pobre, perseguido pelos grandes, mal-visto na côrte... que iria eu buscar de novo a Lisboa?... Os meus sonhos de amor esvaeceram-se ante a alvorada de um tenebroso dia... ambições não as tenho... só me resta o desejo da vingança... vingar-me-hei da ingratição da patria.

«Da patria!? atalhou Fernão Alvares, com assombro.

«Da patria, repetiu com sorriso melancholico o moço guerreiro; mas descançae, que ha de ser nobremente; com a generosidade de um bom filho, posto que engeitado por desnaturada mãe.»

Este dialogo tinha logar a bordo da nau no momento de irem para terra os passageiros. Vendo Fernão Alvares que não podia vencer a repugnancia do mancebo em voltar ao reino, sacou da algibeira um livrinho de lembranças que sempre o acompanhava, e apresentou-o ao pobre soldado para que inscrevesse ali o seu nome. O capitão suppunha ter no precioso manuscripto as assignaturas dos maiores homens da época, mas enganava-se; agora é que ia possuir um autographo do mais illustre portuguez d'aquelle e de todos os tempos!... O soldado escreveu modestamente no fim da ultima pagina: *Luiz de Camões, escudeiro.*

Não voltando ao reino na nau *S. Bento*, o futuro cantor das glorias portuguezas, escapava ao naufragio, e talvez á morte, que nos privaria do immortal poema dos *Lusiadas*; outro naufragio, porém, o esperava na costa de Camboja, mas então já estava escripto esse immorredoiro livro, e a coragem do seu auctor poude salvá-lo das aguas.

Deixando em Goa o desditoso e afamado cantor, acompanhemos a Cochim o não menos infeliz Cabral na desafortunada nau *S. Bento*, que por se avantajár em grandeza, fortaleza e bondade a todas as mais que n'aquella monção partiam para o reino, era a mais procurada pelos carregadores, e por isso recebeu mais carga do que razoavelmente devia admittir, o que foi principio da sua desventura, como diz uma testemunha ocular que nos deixou a narração d'esta viagem, naufragio, e trabalhos subsequentes.

Em uma quinta feira, primeiro dia de fevereiro do anno 1554, desferraram da barra de Cochim cinco naus portuguezas, que compunham a armada destinada ao reino n'aquella monção, sob o commando superior do capitão mór Fernão Alvares Cabral. Uma só d'estas embarcações chegou a salvamento a Lisboa: foi a nau *S. Thomé*, de que era capitão e dono Jorge de Sousa. Outra, a *Serveira*, arribou á India. A *S. Thiago* e a *Barrileira* perderam-se não se sabe como, nem aonde; e a *S. Bento*, depois de infinitos trabalhos, de alijar a mor parte do seu riquissimo carregamento, varou em terra na boca do rio do Infante, ao norte do Cabo da Boa Esperança, fazendo-se em pedaços, e sumindo comsigo na voragem das ondas grande parte da sua tripulação e passageiros.

Fernão Alvares, depois de larga peregrinação pelos inhospitos sertões da Africa, foi morrer afogado no rio de Santa Luzia, não longe do logar que presenciára dois annos antes a tragedia de Sepúlveda, e que d'ahi a mais alguns seria testemunha do lastimoso fim de D. Paula de Lima.

Perto do Cabo Tormentorio, immortalizado pelos versos de Camões, acabou aquella afamada nau *S. Bento*, que levára o grande poeta á India. É de crer que, sobre o chapitéo d'esse navio, enxergando o fa-

moso promontorio, Luiz de Camões traçasse o sublime episodio do Adamastor, a maior das bellezas poeticas d'entre tantas que os *Lusiadas* encerram. Admira como deixou de commemorar nos seus versos tão notavel coincidencia, que tambem não achámos mencionada em nenhum dos seus commentadores e biographos! Ahi fica pois esta lembrança para ser aproveitada por algum futuro cantor do grande épico, já que escapou ás investigações do illustre Garrett.

F. M. BORDALO.

## O SINEIRO INVISIVEL<sup>1</sup>

### Lenda

### V

Que vibração sonora nos espaços  
 Oscilando passou, entre os rugidos  
     Da féra tempestade?  
 É suspiro da noite, lamentando  
 O ropouso perdido? São gemidos  
 D'algum genio do mal, que os membros lassos  
     Deixou cair sem força,  
 Não podendo vencer o vento irado?  
 É do nauta o lamento angustiado  
 Com as vagas luctando em hora extrema?  
 Ou suspiro talvez de harpa fantastica  
     Entre as folhas occulta  
     De bosque bravo e denso?  
 Ou é d'alma penada, só, inulta  
 O queixar longo, o suspirar amargo?  
 Ou n'essa região, alta, suprema,  
 O sussurro será profundo, immenso  
 D'astros que eternos giram pelo largo  
     Espaço illimitado?  
 Que vibração sonora por extenso

<sup>1</sup> Continuado do n.º 7.

Monte vôou, e foi arrebatada  
 Pelo bulcão ardente?  
 — Outra vez passa, triste melancolico  
 Mysterioso o som. A voz sonora,  
 A bronzea voz, é mais distincta agora.  
 É som de sinos; grave, e tristemente,  
 A terra o ar se encheu na fatal hora  
 De subito pavôr, convulso medo.

Henrique estava sô; fronte abatida,  
 Amortecidos olhos, face pallida  
 Melancolico gesto. A luz incerta  
 Nas paredes, no chão da casa esquallida  
 Mil phantasmas formava; dando vida  
 Á cabana deserta.

Na mente do soldado, desvairada,  
 Vagos sonhos pairavam:  
 Ora surge, de flores coroada,  
 A bella Margarida, sobre rosas  
 Correndo qual ligeira e branca fada:  
 Ora sangrentos, barbaros guerreiros  
 Sobre a pallida virgem se lançavam;  
 Com mãos impuras, torpes, venenosas,  
 D'alvas flores a c'roa lhe arrancavam:  
 Ora em roda lhe brincam os ligeiros  
 Annos da infancia, a confundir coréas  
 Em turbilhão risonho;  
 Ora, sinistros, os remorsos passam  
 E esses tenros infantes logo enlaçam  
 Nos duros braços com furôr medonho.  
 Solta na mente, a louca phantasia  
 Corre veloz o reino extravagante  
 Dos sonhos multiformes  
 E, batendo a fulgente aza possante,  
 Vão larvas levantando, entes uniformes.

Que vibração sonora nos espaços  
 Oscilando passou, entre os rugidos  
 Da féra tempestade?  
 Henrique attento escuta. Uma saudade  
 O som do bronze n'alma lhe accordára.  
 Um instante suffoca os seus gemidos  
 Para melhor pensar em seus prazeres.  
 Aquelle som trouxera a imagem cara  
 Da mão perdida ao filho triste. — Foge  
 O som incerto e vago.  
 Ficam sós os rugidos da tormenta,

— Como em noite de lua alva e serena,  
 Diafanos vapores sobre um lago  
 Se formam, socegado; e a brisa lenta  
 Lhes vae contornos dando; assim n'um raio  
 Da roixa luz da lampada, pequena  
 Neblina appareceu, e pouco a pouco  
 Crescendo, em vulto branco  
 De gentil fórma se tornou. Desmato  
 Irresistivel os sentidos tolhe  
 De Henrique: treme, esfria, quasi louco  
 Cae em terra o soldado.

— «É ella!» brada emfim. O rosto esconde  
 E não ousa mover-se de assustado.

«É ella, é Margarida!»

Não é da terra a voz que lhe responde:

É com som de sinos mui distantes

De sinos de cristal — «Tua alma afflicta

«Eu venho consolar, n'estes instantes

«Em que livre inda sou. Attento escuta.»

E prosegui d'esta arte. — «Ingrata, certo,

Eu contigo, não fui. Em féra lucta

Ora acabei a vida,

«Para salvar ao menos a candura

«D'esta alma sempre tua. Este degredo

«Da terra eu vou deixar, que desprendida

«Estou já da pesada e sempre dura

«Cadeia que os viventes prende ao mundo.

«N'este instante em que já, sem ser da terra

«Meu ser se não perdeu no eterno arcano,

«Curto instante em que ás almas concedido

«É de aos vivos mostrar-se a faculdade,

«Eu quiz vir revelar-te que da guerra

«Fui victima innocente. Assim perdida

«Para amor, para ti, para a saudade,

Tão doce a quem espera!

«Rudes soldados pela aldéa entraram

«Em noite de finados, noite aziaga:

«Entre chammas, gemidos, me arrancaram

«D'essa placida casa onde estivera

Tantos annos ditosa.

«Como a flor arrancada pela vaga,

«No meio da voraz, féra tormenta,

»E na rocha quebrada, e de viçosa

«Que estava d'antes posta sobre a plaga,

«Se torna em morta planta, assim eu, triste!

«Por turbilhão de guerra temerosa

«Fui arrastada: agora só existe



«Da que era viva ha pouco, bella, e pura,  
«Cadaver insepulto.»

Callou-se a voz. Henrique assim murmura,

Entre soluços: — «Nessa noite infunda

«Puz sacrilega mão sobre os altares,

«E sangue derramei no sacro templo.

«Foi castigo, meu Deus, d'essa execranda,

«Abominavel culpa. Se a piedade,

«Se o divino perdão baixar clemente

«Sobre crimes tão negros, as cruezas

«Da louca humanidade

«Serão taes, que das feras as brutezas

«Poderão por virtudes ser tomadas.

«Condemnado serei eternamente.»

A voz então ao longe, em som plangente

— «Adeus!» clama «por toda a eternidade»

«Adeus!» Os olhos ergue Henrique em pranto!

Mas não vê já o vaporoso vulto.

Era quebrado o encanto.

Da morte o grão segredo fica occulto.

Sons de sinos, mais tristes que gemidos,

Ao longe, Henrique, ao longe ouvia vibrar,

Era um hymno de lugubre saudade.

A vibração sonora, enchendo o ar,

Oscilando passou entre os rugidos

Da féra tempestade.

## VI

Foi aquella noite a ultima

Do valente heróe soldado:

E de seu nome illustrado

O mundo já se esqueceu.

Este entre os outros fortissimo,

Mais que os outros glorioso,

Teve o fim mais desditoso;

Abandonado morreu.

Cruéis remorsos o espirito

Lhe rasgaram sem piedade;

Peso de horrivel saudade

Lhe esmagou a alma sem dó.

Eis o soldado sacrilego

Já sepultado na terra,

Eis o vencedor na guerra

Reduzido a frio pó.

Não se levantam pyramedes  
 Sobre a humilde sepultura;  
 Nem o pranto da ternura  
 Sobre ella se derramou;  
 Nem se ergueram sacros canticos...  
 Porém no sino agoureiro  
 Esse invisivel sineiro  
 Por alla noite tocou.

1859

J. D'ANDRADE CORVO.



## CHRONICA

---

Era ainda á Ristori que pertenciam as paginas da chronica que vamos encetar. Tributámos-lhe a homenagem da cortezia, saudámol-a depois com um brado de admiração, restava-nos agora confirmar-lhe os triumphos analysando as tragedias do seu repertorio. Tinhamos feito esta ultima promessa aos nossos leitores, deviamos cumpril-a. Mas é-nos impossivel. A razão julgamos escusado dizer-lh'a. Adivinharam-n'a de certo já. Denunciou-lh'a a primeira folha que lêrem do jornal. Ali o apreciador está á altura da apreciada, e n'aquelle juizo ha duas glorias; uma para a insigne tragica, outra para nós. A d'ella está na inspiração que deu ao poeta; a nossa está no poeta. Vejam o retrato que fez de Ristori, e digam se não é uma obra prima? Não achou porventura ali a estatua animada da musa da tragedia moderna pintor que lhe reproduzisse a imagem com igual correccão nas linhas e com tão grandiosas proporções? O vigor esplendido d'aquellas tintas não valerá o gracioso relevo do marmore? Se é modêlo a estatua, não será tambem modêlo a pintura? Não revestem ambas a fórma classica? Não anima ambas a centelha do genio?

Que maior e mais glorioso trophéo podia deixar a Ristori em Portugal para a recordar no futuro? As melhores perolas da nossa lingua e os mais bellos diamantes que lhe podem esmaltar o estylo, não ficam ali engastados em oiro portuguez de lei?

Finalmente a ultima palavra sobre a Ristori, disse-a Castilho.

Agradecer-lhe o valioso trabalho com que honrou e illustrou o nosso jornal, é só o que nos resta fazer.

Dir-lhe-hemos pois: obrigado poeta por nós e pelas letras patrias. Taes paginas são a gloria de uma litteratura.

Antes porém de sairmos do theatro italiano é dever nosso mencionar um artista distincto que fazia parte da companhia. Referimo-nos ao sr. Majeroni. É um interprete consciencioso e esmerado, reunindo ao talento a cultivacão. Vê-se que estuda os caracteres que desempenha e que trata de reproduzil-os exactos. No trajar é modêlo e na caracterisação verdadeiro. São excellentes copias os seus personagens. Assim nol-o provou *Holofernes*, *Macbeth*, o *Conde d'Essex* e *Camões*. O modelo para este ultimo foi o quadro do sr. Metrass. Logo que o vimos o reconhecemos.

Remataremos este assumpto citando mais uma homenagem prestada á Ristori. Foi a traducção em verso dos *Ultimos momentos de Camões*, que lhe dedicou Mendes Leal. Duas noites de trabalho e de vigílias, custou ao traductor a obra.

Fortalecia-lhe a inspiração a idéa de pagar um tributo á rainha da arte; alteava-lhe a imagem e encendia-lhe o estro o empenho de satisfazer uma promessa do talento ao talento. Ristori ia recitar, como recitou, a poesia de Mendes Leal *Ave Cesar*, e aquella interpretação maravilhosa que de certo tão plenamente correspondeu á concepção do poeta, reclamava da parte d'este uma demonstração de igual valia. Deu-lh'a n'um improviso, provandolhe que a lingua de Camões não cede á do Dante. D'esta vez venceu-a.

A proposito da companhia de declamação italiana acodem-nos naturalmente algumas considerações sobre a primeira scena portugueza. Ninguem faz mais justiça do que nós, á boa vontade e ao zêlo do ex.<sup>mo</sup> commissario regio na administração dos theatros; ninguem reconhece melhor os serviços prestados por s. ex.<sup>a</sup>, serviços que hão de ser confessados mais tarde quando a auctoridade desaparecer e só as obras ficarem; ninguem aprecia tão devidamente as difficuldades com que tem luctado e os esforços que tem empregado para as vencer; mas assim como dizemos tudo isto, e estamos promptos a proval-o, tambem não duvidamos, no dia em que errou, apontar-lhe o erro. Temos a certeza de que não houve intenção da sua parte, levaram-n'o a commettel-o, illudindo-o, e a sua boa fé e lisura fizeram-n'o cúmplice. Mas as consequencias existem e são prejudiciaes á arte.

A historia do nosso theatro é singela e curta. No nosso paiz nunca se crearam actores, fizeram-se elles. A sua escola foi a pratica, o seu estimulo a vocação. Por isso a nossa scena nacional está longe do que devêra ser. Ali só tem trilhado até hoje o talento e a inspiração do artista, nada mais. Todos os outros predicados que o completam faltam-lhe.

É esta, e só esta, e educação artistica das actrizes Emilia, Soller e Delfina e dos actores Epifanio, Rosa, Tasso e Theodorico. Tudo mais deveram ao seu talento confirmado em difficeis e brilhantes interpretações. Os seus diplomas foram lavrados pelo publico. E é d'estes artistas que o theatro tem sempre vivido e vivia ainda ultimamente. E podem contar que por emquanto não os substituem. Não os ha iguaes, nem vemos escola nem mestre para os formar.

A ausencia da actriz Emilia foi já uma grande perda para a scena nacional tornando impossivel o desempenho de valiosas composições, e agora a da actriz Soller fechou ao drama as portas do theatro. Era a isto que não podiamos evitar a censura. Se o rotulo de normal sempre foi deslocado n'aquelle edificio como ficará n'esta occasião em que o auctor dramatico, que tiver algum amor á sua obra, não póde ir fazel-a representar!

Sentimos deveras que o ex.<sup>mo</sup> commissario regio se deixasse collocar n'esta má situação, que a ninguem aproveita, nem aos proprios que a promoveram, julgando exaltar a mediocridade affastando o verdadeiro merecimento.

O theatro portuguez está sem primeira actriz dramatica. Podem invental-a; mas os auctores e o publico é que não reconhecem.

Ali os elementos contrarios são tantos que fariam desanimar e esmorecer

os mais resolutos, como sabemos que está esmorecido e desanimado o mesmo commissario.

E tem razão. Não ha responsabilidade possivel onde todos se empenham em compromettel-a. Não se pôde caminhar direito encontrando-se a cada passo um tropeço, e um tropeço collocado de proposito para esse fim.

Façamos ponto senão o assumpto é vasto e o espaço pequeno para o que temos ainda a noticiar.

Entremos já em S. Carlos repetindo os bravos á Lotti e ao Fraschini com que fechámos a chronica anterior. O enthusiasmo dura ainda, e ha de durar por que são artistas para o prolongarem toda a época. É o voto geral da platéa que os recebe maravilhada e os applaude freneticamente a cada trecho.

O exito do *Rigoletto*, não desmereceu do *Trovador*. Os applausos que conquistaram n'este, colheram-os n'aquelle. A superioridade que manifestaram no segundo, confirmaram-a no primeiro.

Lotti é a cantora predilecta do publico. As manifestações de agrado augmentam sempre, e n'estas ultimas noites tem sido brindada com lindos ramos de flores. Reune a uma physionomia sympathica uma elegante figura, um porte modesto a uma presença senhõril. Quanto á voz é um prodigio: suave, harmoniosa, sonora e vibrante. Vai direita ao coração, impressiona, enleva e arrebatá. Sabe tambem orvalhal-a de lagrimas como animal-a de enthusiasmo. Interprete fiel e conscienciosa na musica de Verdi executa-a como o maestro a escrevêra, sem lhe introduzir falsos arabescos e ornamentações que só alteram e muitas vezes prejudicam as partituras. Similhantes expedientes são bons para quando já não ha voz para executar as operas como o auctor as imaginára.

Fraschini é um excellent cantor, profundamente iniciado em todos os segredos da sua arte. É possivel igualal-o em mestria, mas não excedel-o.

M.<sup>ma</sup> Tedesco fez-nos ouvir pela primeira vez a parte da Zingara no *Trovador*, e depois reapareceu-nos na *Lucrecia Borgia*. Em cousequencia do procedimento que a distincta cantora tinha tido com a administração negando-se a cantar sem causa justificada, e com o publico que se julga acima dos caprichos das *primas-donas*, foi recebida logo que appareceu em scena com uma pateada. Em seguida a cantora foi continuamente applaudida como merecia.

Em toda esta questão o ex.<sup>mo</sup> commissario regio procedeu legalmente. Os medicos do theatro attestavam que m.<sup>ma</sup> Tedesco estava boa. Era a elles que devia acreditar. No que se praticou depois, seguiu a opinião do advogado do mesmo theatro. Tambem me parece que fez o que devia. Que motivos de queixa ha pois contra elle? Nenhum a não ser a prudencia que teve e a imparcialidade que desejou provar.

E as maiores iras quem as levantou? Um pobre adverbio que tinha a inconveniencia de ser o mais verdadeiro!

Mais uma gravura de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando illustra hoje o nosso jornal. Pertence á collecção a que alludimos no artigo. O talento do artista é tão fertil como é prodigo o coração do rei. Não falla bem alto a collaboração com que nos honra e o patriotismo que esta nos dá?

ERNESTO BIESTER.